

# DEUSES E HERÓIS



*Zelita Seabra*



## SUMÁRIO

Apresentação 9

I. O NASCIMENTO DOS DEUSES 13

II. AS SAGAS DOS HERÓIS 27

Perseu 33

Héracles 39

Teseu 49

Jasão e os Argonautas 57

Os heróis da guerra de Tróia 65

Ilíada 73

Odisséia 95

Glossário 113

Quadros genealógicos 163

Sugestões para leitura 167

## APRESENTAÇÃO

As histórias deste livro são amadas através do tempo. Um número enorme de poetas e pesquisadores dedicou-se a traduzi-las e divulgá-las por todo o Ocidente. No Brasil, dois escritores — Monteiro Lobato e Junito Brandão — merecem nossa gratidão por trazê-las para nossa língua, nosso modo de sentir.

As histórias do *Sítio do Pica-pau Amarelo* transportavam-nos, mal chegavam as férias, para as madrugadas na roça e o entardecer na varanda da fazenda; para caçadas e aventuras inesquecíveis. Como se não bastasse criar um mundo tão delicioso, Monteiro Lobato trouxe até ele os deuses e os heróis gregos que, daí em diante, se tornaram figuras queridas de nosso cotidiano.

A obra de Junito Brandão — *Mitologia grega*, em três volumes — cumpre uma função diferente. A riqueza da pesquisa, a profundidade da reflexão, a autoridade, a erudição, tudo provoca admiração e gratidão pelo esforço de atender a nosso anseio de conhecimento.

Espero que este pequeno livro venha se situar a meio caminho: entre o lúdico das leituras da infância e a seriedade do trabalho erudito.

Num país como o nosso, onde tradições são envoltas em afeto e lendas criam vida, há espaço para seres da imaginação de muitos outros povos. Vamos então evocar e tornar mais próximas figuras dessa cultura antiga — a grega. Vamos contemplar esse universo maravilhoso sem interpretá-lo, sem buscar seu significado profundo, sem



tentar enquadrá-lo no que conhecemos como Lógica, pois é outra a lógica do mito. Um exemplo: Réia, assim que dá à luz Zeus, esconde o recém-nascido em Creta para evitar que seja devorado por Cronos. No instante seguinte, o deus já é um adulto temível que enfrenta e derrota o pai.

Assim como esta, as histórias aqui narradas compõem o legado de um número relativamente pequeno de poetas: Homero, Hesíodo, Píndaro, os três grandes trágicos — Ésquilo, Sófocles e Eurípides —, imortais como a obra que criaram.

As histórias testemunham também que os deuses, às vezes interpretados como personificações das forças da natureza, eram presença viva que os gregos veneravam, temiam e invocavam pedindo proteção.

As figuras da mitologia grega doam identidade à cultura ocidental. Não ocupam apenas o lugar de herança clássica: iluminam nossas raízes; esclarecem-nos sobre nossa origem, nossa linguagem, nosso modo de ser e de pensar.

Às vezes, contemplo-as como coisas valiosas que guardo há anos dentro de uma arca. Mas não estão apenas guardadas: estão vivas. Tão vivas como quando as conheci nos espetáculos de teatro e cinema, nas visitas a museus, na leitura de traduções do grego, em sala de aula, em palestras.

Não me seria possível precisar as fontes das histórias. Em conjunto, elas se encontram nas "Sugestões para leitura", no final do livro. Mais que sugestões, são recomendações. Vale muito a pena ir direto

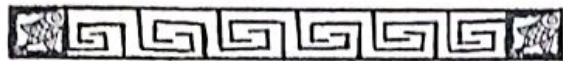


ao encontro de Homero, de Hesíodo, dos poetas trágicos, de Ovídio, de Edith Hamilton, de Junito Brandão.

Seja qual for o veículo que a ele nos leve, o mito produz uma vivência de privilégio. Sentimo-nos transportados a terras onde fatos incríveis acontecem; onde seres de grande força e beleza executam tarefas, enfrentam perigos, vivem momentos de dor e de glória. Vamos participar da viagem cheia de peripécias surpreendentes e aventuras fantásticas das histórias que passaram através de gerações e chegaram até nós.

Antes de partirmos, quero agradecer a Marisa Tomitsits pela paciência e cuidado na revisão e a Mariana Lopes e Luiz Carlos Santos pela ajuda com o computador, e a meus netos, a verdadeira razão de ser deste livro. Não o teria começado e menos ainda concluído sem essa motivação. Enquanto escrevia, imaginava-os como estão, espalhados por três continentes, aguardando as histórias prometidas. Alguns têm intimidade com elas, outros, conhecimento mais sumário — todos esperam uma versão breve mas completa. Foi o que tentei fazer aqui.

I



# O NASCIMENTO DOS DEUSES



**A**ntes de tudo era Caos.

Desde criança, quantas vezes nos perguntamos sobre esse "antes de tudo..." Como é que era, antes que existisse tudo o que existe? Desde sua infância, a espécie humana também se faz essa pergunta. E a resposta que encontramos em várias culturas é: *Antes de tudo era Caos*. Começa assim a história da criação do mundo.

Os gregos usaram as mesmas palavras. Durante séculos, a origem do universo foi cantada assim pelos *aedos* — bardos ou trovadores — através de toda a Hélade.

No século VIII a.C., Hesíodo reuniu essas narrativas de forma completa e definitiva no poema *Teogonia*, que significa *Nascimento dos deuses*. Não é uma compilação — é um poema vivo que nos cativa e impressiona por sua grandiosidade.

O poeta começa invocando e saudando as musas do monte Hélicon, na Beócia, aos pés do qual vivia. Pede a elas que lhe dêem um *canto amável* com o qual celebrar os Imortais. As musas o atendem: passamos a assistir a um drama magnífico. Como se fossem anunciados por trombetas, personagens se sucedem com enorme solenidade.

Primeiro, antes de tudo, está Caos. Sozinho. Antes da formação do universo, Caos é o vazio primordial, obscuro, ilimitado, abismo sem fim. Nas sagas nórdicas, ele é apresentado como *yawning gap* — um imenso, um abismal bocejo.

Caos é o vazio, mas é também matéria: eterna, informe, porém dotada de energia. Na *Teogonia*, essa energia geradora é um personagem. Caos gera Érebo — Sombra ou Escuridão profunda — e Nix — Noite. Érebo, o mais fraco dos dois, logo se esvai. Assimilado pela irmã, torna-se simples epíteto da Noite: Noite sombria.

Sombria é toda a primeira cena do drama épico. Se liberarmos a imaginação ao lermos os primeiros versos, vemos um cenário quase às escuras; os personagens estão envoltos em mantos negros. Assim se conservam enquanto vai surgindo a geração de Caos.

Nix — a Noite — é entidade feminina sofredora, sempre só, destinada a jamais dar à luz por união de amor. Gera por cissiparidade, por separação. As várias gerações de sua descendência tenebrosa vão se sucedendo umas às outras.

Surge primeiro um trio terrível: Moros, Ker e Tânatos. Os três são a morte formando uma entidade complexa: Moros é o lote, o limite que separa vida e morte; Ker é o espírito vingador do morto; e Tânatos é a própria morte.

Na geração seguinte surgem Hípnos e Oneiros, o sono e o sonho.

Em gerações sucessivas: o par Sarcasmo e Angústia; as Hespérides — as guardiãs das portas do poente, da soleira onde termina o dia e desce a noite; Keres (Parcas) — distribuidoras — uma fia o fio da vida, que a outra mede e a terceira corta; Nêmesis — a punição divina.

Seguem-se a estes: Geras — a velhice maldita; Eris — a discórdia; a luta violenta; Lete — o esquecimento; Ponos — a fadiga; Algos — a dor; Horcos — o juramento de vingança. Encerrando a geração da



Noite, que é também a geração de Caos, surgem: disputa; mentira; combates assassinos; palavras equívocas.

Termina o desfile dos filhos da Noite. A luz invade o cenário e ilumina três personagens, Tártaro, Géia e Eros, já presentes no primeiro verso, antes de ser enunciada a geração de Caos.

Tártaro, a habitação nas profundezas onde as gerações divinas lançarão seus inimigos, é descrito como três vezes mais escuro que a mais escura noite. Eros, como *o mais belo dos deuses imortais*.

Géia, *de vasto seio*, gera Urano — o Céu — e com ele forma um par: *A Terra deu à luz um filho, tão grande quanto ela, o Céu estrelado, que a cobriu inteira*.

Quando surge o par Urano e Géia, surge o amor. Eros não intervém como força geradora, pois já havia geração sem ele, mas para dar sentido à geração. É uma força que une os contrários: Céu e Terra. O Céu cobre a Terra com amor e com a união dos dois nascem os titãs, as titânides e outros seres descomunais.

No entanto, Urano não permite a existência dos filhos. Apenas estes nascem, o pai empurra-os novamente para dentro do ventre da mãe Terra.

O início está ainda muito próximo: a criação, nesse estágio, é em grande parte amorfa. A formação do universo faz-se por progressões e regressões.

Dentro de Cronos cresce ódio ao pai que não o deixa existir. Géia, sufocada com a massa de filhos em seu ventre, trama com ele a liber-

tação. Dá ao filho uma foice e, quando Urano vem se deitar com ela, Cronos sai e mutila as partes viris do pai.

Do sangue caído na terra nascem as Erínias — deusas justiceiras. Do esperma, que o Oceano recebe em forma de espuma, nasce Afrodite.

Cronos liberta seus irmãos, os titãs, que se casam com suas irmãs, as titânides. Cronos casa-se com Réia; Oceano com Tétis; Céos com Febe. São os pares mais importantes por sua descendência: os principais deuses do Olimpo.

Até então havia apenas forças elementares, mas o panteão começa a se configurar.

Cronos fica sabendo que um dia um filho de Réia o mataria, então devora cada filho ao nascer. Novamente há um momento em que o informe, o amorfo, impede o advento da organização do universo.

Réia trama para conseguir fazer viver o novo filho que está esperando. Assim que ele nasce, ela o esconde na ilha de Creta e entrega ao marido uma pedra envolta em roupinhas de criança. Cronos a engole, descobre a traição e entra em fúria. Zeus, o filho que escapou,



Urano,  
Cronos  
e Géia



logo em seguida aparece já homem, vence o pai e obriga-o a vomitar os irmãos.

Logo a seguir, é desafiado pelos titãs.

Esse é um momento importante, por ser o do começo da hierarquização do mundo — começo do equilíbrio entre vários poderes, que só é conseguido ao preço de uma terrível guerra.

De um lado, apoiado por seus irmãos, comanda Zeus, possuidor de armas poderosas: o raio e o trovão. Como aliados recorre aos hecatonquiros — monstros de cem braços e cinquenta cabeças, até então aprisionados nas trevas. No campo adversário, Cronos e todos os titãs.

A batalha de gigantes tem sons ensurdecedores: *Um terrível mugido estendia-se sobre o mar sem limites; a terra retiniu com estrondo e, acima, o vasto céu gemia, abalado até seus alicerces...*

A luta termina com a derrota dos titãs, mas o nome de um deles, Prometeu, conserva-se na memória e nos hinos dos helenos. Sua história, apenas mencionada na *Teogonia*, encontra-se em outro livro de Hesíodo: *Os trabalhos e os dias*. Remonta a uma época em que, ao que parece, as circunstâncias eram favoráveis ao aparecimento da humanidade.

Alguns afirmam que a tarefa teria sido confiada aos filhos do titã Jápeto: Prometeu e Epimeteu. Prometeu significa previsão — *promantis*; Epimeteu significa *idéia que surge depois do ato*.

Epimeteu criou os homens sem meios de proteção, mais frágeis que os animais. Arrependeu-se e pediu auxílio a seu irmão.

Prometeu subiu ao Céu, chegando até junto do Sol. Aí acendeu uma tocha que trouxe para a Terra. Entregou aos homens um meio de proteção incomparavelmente melhor do que dispunham os animais: o fogo.

Zeus jurou vingar-se. Não retoma o fogo sagrado mas, para compensar a perda, envia aos homens um mal: *a criação maldita das mulheres, flagelo terrível, instalado no meio dos homens*. Encarregou Hefesto de fabricar algo de muito perigoso, mas que deleitasse os olhos. O deus ferreiro confeccionou uma donzela tímida que irradiava beleza e que os deuses cobriram de adornos. Chamava-se Pandora, que significa *dádiva de todos*. Zeus mandou-a de presente a Epimeteu, que a aceitou de bom grado, embora Prometeu lhe tivesse recomendado que jamais aceitasse um presente de Zeus.

A jovem trazia uma caixa que os deuses lhe tinham entregado com a condição de que não a abrisse. Pandora tinha uma curiosidade incontível e não sossegou enquanto não levantou a tampa, desobedecendo à proibição. Da caixa jorraram inúmeras pragas, tristezas e males para a humanidade. Aterrorizada, Pandora apressou-se em recolocar a tampa, mas era tarde demais. Apesar de tudo, algo ainda ficou lá dentro, o único bem que a caixa continha — a Esperança, e esse bem continua guardado.

O castigo dos homens fora a *criação maldita das mulheres* — e Hesíodo lamenta que o pior para os homens é que não podem passar sem elas: *nada mais triste do que a velhice do celibatário, nada mais funesto do que o casamento*.



A ira de Zeus voltou-se então contra Prometeu. O titã foi capturado, levado para o Cáucaso e acorrentado *a uma rocha proeminente e escarpada*.

Na verdade, não era só um castigo. Zeus tinha conhecimento de uma profecia segundo a qual, um dia, um filho o destronaria: tencionava coagir Prometeu a revelar-lhe o nome da criança e da mulher de quem nasceria. O titã recusou-se a fazê-lo. Hermes aconselhou-o a ceder para não ser submetido a terrível tortura: uma águia viria cada dia bicar-lhe o fígado. Prometeu responde que não há força que o obrigue a falar: *nada domará minha vontade...*

Finalmente o titã é libertado e há duas versões sobre isso. Uma diz que o centauro Quíron ofereceu-se para ser sacrificado em seu lugar. Outra conta que Héracles teria abatido a águia com sua flecha e libertado Prometeu de seus grilhões, com o consentimento de Zeus.

Prometeu mantém-se, desde a Grécia antiga, como símbolo do rebelde que se insurge contra a injustiça e o abuso do poder.

Vencidos os titãs, o filho de Cronos dividiu o poder com os irmãos: Hades é senhor do mundo subterrâneo dos mortos; Posídon é senhor dos mares. Zeus afirma-se como deus supremo, senhor dos céus, da chuva, da tempestade — o trovão é sua voz; o raio, sua arma fulminante. Mesmo não sendo onipotente nem onisciente, está sempre envolto numa aura de grandiosidade e reina sobre todos os deuses no Olimpo, sua morada.

Embora tivessem suas províncias, o Olimpo era o lugar onde todos se reuniam, deliberavam sobre as questões e a sorte dos mortais, e

onde se banquetavam com néctar e ambrosia ao som da lira de Apolo. Com Zeus, os maiores deuses — os deuses olímpicos — eram doze. Vamos nos acercar dessas figuras ainda hoje envoltas em glória.

Posídon, irmão de Zeus, era o Senhor do mar e ocupava o segundo lugar — diretamente abaixo do deus supremo. Era enorme sua importância para um povo devotado à atividade marítima, habitando uma terra recortada em ilhas e penínsulas. Embora possuísse um palácio magnífico no fundo do mar, Posídon encontrava-se, a maior parte das vezes, em companhia dos outros deuses no Olimpo.

Hades era o terceiro na hierarquia olímpica. Seu domínio era o mundo subterrâneo, o reino dos mortos, que também se chamava Hades. Possuía um elmo que tornava invisível quem o usasse. Era um deus terrível, inexorável, mas justo — não era um deus do mal.

Hera, esposa e irmã de Zeus, era protetora do casamento e empenhava-se em castigar suas rivais: Zeus constantemente se apaixonava e recorria a mil subterfúgios para trair a esposa. A deusa perseguia sem trégua os filhos gerados pelo marido infiel, como o fez a Hércules. Contudo, era venerada como a rainha do Olimpo e, ao menos em uma história famosa — a dos Argonautas —, surge como protetora dos heróis.

Atena nasceu da cabeça de Zeus já adulta e envergando sua armadura. Era guerreira temível, deusa da *polis* e defensora de suas leis, protetora das atividades artesanais e artes agrícolas, como a de domesticar cavalos. Filha predileta, o deus supremo permitia-lhe usar o raio, sua arma devastadora.



Descrita muitas vezes como a de *olhos cintilantes* e também de *olhos de coruja*, encarnava a sabedoria, a razão e a pureza. Foi a primeira das três deusas — as outras foram Héstia e Ártemis — a obter de Zeus o privilégio de permanecer virgem. Por isso era frequentemente chamada *Párteno*, a virgem, daí o nome do templo a ela dedicado: o Pártenon.

Afrodite, a deusa mais antiga, da mesma geração de Cronos, nasceu da espuma do mar fecundada por Urano. Seu nome tem como raiz *Aphros*, que significa espuma. Era a deusa do Amor e da Beleza, alegre, brincalhona, vaidosíssima, irresistível e, às vezes, destruidora: capaz de tirar o juízo a deuses e mortais. Poderosa e ciosa de seu poder, é digna de veneração se pensarmos que a deusa da Beleza é tão antiga quanto o deus do Tempo.

Apolo, filho de Zeus e de Leto, nasceu na ilha de Delos chamada pelos gregos de *umbigo do mundo*. Era o deus que possuía o maior número de dons e, de certo modo, o que melhor personificava o ideal grego: *Kalos Kagatós*, o Bem e o Belo.

Embora o filho do titã Hiperión tenha também o nome de Hélios, o Sol, Apolo era venerado como o deus da Luz que guia o carro do Sol, e seu outro nome, Febo, significa *brilhante*. Era o grande arqueiro, o deus do Arco de prata e da Flecha de grande alcance. A música de sua lira de ouro deleitava o Olimpo.

Ensinou a arte de curar e teve como filho Asclépio, o maior curador entre os homens. Era o deus da arte chamada *mântica* — adivi-

nhação — e em seu templo de Delfos ficava o oráculo, consultado por peregrinos de toda a Grécia e de países estrangeiros.

Ártemis, irmã gêmea de Apolo, filha de Zeus e de Leto, é também chamada Cíntia por ter nascido no monte Cinto, em Delos. Uma das três deusas virgens do Olimpo era a Caçadora e a Senhora da Floresta. Protegia os animais, em especial a corça. Assim como Febo era o Sol, ela era a Lua, chamada também de Febe e de Selene, mais uma vez confundindo-se seu nome com o da filha de Hiperión, irmã de Hélio, deus Sol, com quem era confundido Apolo. Era atlética, dinâmica, independente, avessa ao amor, muitas vezes cruel com quem tentava conquistá-la.

Hermes, filho de Zeus e de Maia, era o mensageiro dos deuses e talvez a figura mais freqüentemente presente nas histórias da mitologia. Rápido, gracioso de movimentos, usava sandálias aladas e um chapéu também com asas, assim como tinha asas no bastão — o caduceu — que levava em seus vãos. Era o deus do comércio e dos Mercados e, sendo o mais astuto dos deuses, protetor dos Ladrões.

Ares, filho de Zeus e de Hera, era o deus da guerra. Rejeitado por ambos os pais e pelos outros deuses, é visto pelos homens também, segundo Homero, como cruel, sanguinário, de fúria implacável. Num história, era amante de Afrodite, mulher de Hefesto, e foi ridicularizado quando o marido da deusa lançou uma rede sobre o par, expondo-o aos risos e escárnio de todo o Olimpo.

Hefesto, em versões muito antigas, era filho só de Hera. Zeus o teria precipitado na terra num acesso de ira, o que o tornara coxo. Em



outras versões, como a de Homero, Hefesto habita o Olimpo como o deus do fogo e da forja, ferreiro e artesão das armaduras dos imortais e dos heróis. Casado com Afrodite, é desprezado pela deusa, mas aparece também como marido de Aglaia, uma das três Graças. Era deus pacífico, protetor dos artífices, bondoso, presidindo às solenidades e às procissões das crianças na *polis*.

Héstia, irmã de Zeus, era uma das três deusas virgens, porém desempenhou um papel bem menor nas histórias que o de Atena ou de Ártemis. Era a deusa da Lareira e protetora do lar. Tal como na casa a lareira era o centro, todas as cidades tinham um lugar central para o fogo consagrado a Héstia, o qual nunca se podia deixar extinguir.

Depois de apresentar os deuses do Olimpo, o poema cosmogônico relata a série de casamentos entre deuses e entre deuses e mortais.

Zeus casa-se primeiro com Métis, a Sabedoria, *que conhece mais coisas que todos os deuses e homens mortais*. O senhor dos raios, no entanto, apesar da autoridade de marido, permanece inferior à esposa: dominou a Sabedoria mas não a assimilou. No momento em que Métis, grávida de Atena, vai dar à luz, Zeus engana-a com carícias e a engole. Tinha sido aconselhado por Géia e Urano, pois de Métis deveria sair um filho que viria a ser maior e mais forte que Zeus. Prometeu acorrentado ainda ameaçaria Zeus invocando a vingança desse deus poderoso. Mas o perigo é afastado quando a filha de Métis, Atena, passa a estar dentro de Zeus. A lenda narra que ela sai da cabeça do pai. É o ponto culminante da carreira de Zeus. Daí em diante suas ligações serão com deusas que não têm a dimensão de Métis, embora

sejam grandes deusas, como suas irmãs Deméter e Hera; ou serão uniões com ninfas ou com mortais.

Constrói-se o *Cosmos* — palavra grega para ordem e beleza; começa a surgir o Olimpo. A *Teogonia* termina com uma parada solene em que todas as mulheres de Zeus desfilam diante de nós. Com pompa, junto ao nome de cada uma, são enunciados os de seus *gloriosos* filhos.

### ***Deusas***

Métis: Atena

Deméter: Perséfone

Témis: Horas (Disciplina, Justiça, Paz)

Eurínome: Cárites ou Graças (Aglaia, Eufrosine, Talia)

Mnemósina: Musas (Clio, Euterpe, Talia, Erato, Melpomena, Terpsícore, Urânia, Polímnia, Calíope)

Hera: Ares, Hebe, Hefesto

### ***Ninfas ou Mortais***

Leto: Apolo, Ártemis

Sêmele: Dioniso

Maia: Hermes

Alcmena: Héracles

Dânae: Perseu

Europa: Minos

Io: Épafo

Leda: Clitemnestra, Helena, Castor, Pólux



II



AS SAGAS  
DOS HERÓIS

**A**té este momento estivemos entre os deuses. Agora vamos descer à terra, sobrevoando uma península coberta de montanhas. Com vales estreitos, rios pouco caudalosos e pequenas planícies, ela enruga-se à medida que avançamos para o sul. Aí a terra se abre como uma mão entre os mares Jônico e Egeu. Finalmente esfacela-se numa profusão de ilhas. A maior destas, e a mais ao sul, é Creta.

Num período que vai do terceiro milênio até por volta de 1400 a.C. — período tão longo quanto da queda de Roma até hoje —, Creta, sobretudo a cidade de Cnossos, foi o centro de uma esplêndida civilização marítima e comercial que se espalhou pelo Egeu. Conhecida como civilização egéia ou minóica, é descrita com adjetivos: brilhante, vigorosa, elegante, alegre, amante de arte e de esportes, tendo atingido um nível de desenvolvimento material que ainda nos assombra. Pasma-nos também seu declínio: as causas da queda da civilização egéia são até hoje pesquisadas. O fato é que seu vigor foi decaindo e seu brilho apagando-se através dos séculos.

Simultaneamente ao enfraquecimento de Cnossos, desenvolveram-se no continente pequenos reinos aqueus ou helênicos. A fusão dos elementos helênicos com os da civilização egéia produziu a civilização micênica.

Parece uma saída abrupta do mito e poderíamos dar a impressão de ter aterrissado muito rápido. Surge então a pergunta: onde estão os



deuses? De certa maneira, eles desceram também: a civilização micênica é o pano de fundo dos poemas em que encontramos o elemento do mito que faz a ponte entre deuses e homens: a figura do herói.

O herói encarna o ideal supremo da vida helênica: *kaloskagatia* — o belo e o bem —, princípio central da ética grega. Duas outras palavras nos ajudam a compreendê-lo: *aretê* e *timê*. *Aretê* significa excelência. Em latim foi traduzido como *virtu* (virtude), palavra que tem como radical *vir* = homem, vigor do homem. A idéia nela contida é de que a excelência é a essência do herói. A essência tem de ser testemunhada publicamente e esse é o significado do termo *timê*: honra. A *timê* é o reconhecimento público da *aretê*.

Os mitos de heróis variam em suas particularidades mas, vistos em conjunto, apresentam características bem semelhantes. Vamos destacar algumas, começando pelas de origem.

O herói têm ascendência humana e divina: é filho de um deus com uma mortal ou de um mortal com uma deusa.

Muitos heróis têm mais de uma mãe ou mais de um pai: aquele que o gera não é o mesmo que o cria.

Freqüentemente, seu nascimento ou seus primeiros dias são cercados de perigos: abandonado e exposto, muitas vezes nas águas, é recolhido por pessoas humildes — pastor, pescador — ou por animais e, ainda na primeira infância, revela sua grande força.

As sagas — poemas épicos — imortalizaram esses traços. O traço mais marcante: o herói sempre tem uma tarefa. Uma ou várias: Hércules teve doze. Para cumprir a tarefa, ele empreende uma longa via-

gem, na qual tem de atravessar *a grande água* — um grande rio ou o mar.

Sempre idealizada, a figura do herói, no entanto, apresenta aspectos ambivalentes. Seu comportamento, por vezes aberrante, reflete o caráter contraditório do *tempo dos começos*. Evoca a fluidez do tempo das origens, quando o mundo dos homens ainda estava sendo criado — a época primordial que se segue à cosmogonia e ao triunfo de Zeus.

O herói preparava-se para sua tarefa com um mestre. Ao centauro Quíron foi entregue a formação de muitos bravos: Héracles, Perseu, Orfeu, Castor e Pólux, Asclépio, Teseu, Jasão e muitos outros — filhos dos ventos, dos rios e das ninfas. Com o centauro aprendiam muitas artes: a cinegética, arte da caça; a hípica, a de cavalgar; a iátrica, a de curar; a mântica, a de adivinhar; a de tanger a lira; e a agonística. *Agon* significa o espírito de competição, a necessidade de demonstrar a *aretê* — fundamento das reuniões dos helenos para as competições, os grandes jogos e concursos nacionais. A agonística é a arte da luta, da disputa atlética.

Se toda sua existência é uma sucessão de viagens, lutas e sofrimento, a morte do herói constitui o ápice de seu *patos* — seu drama. A prova final, o último degrau iniciático, quando então sua história se fecha em definitivo. *Acta est fabula* — terminou a tragédia.

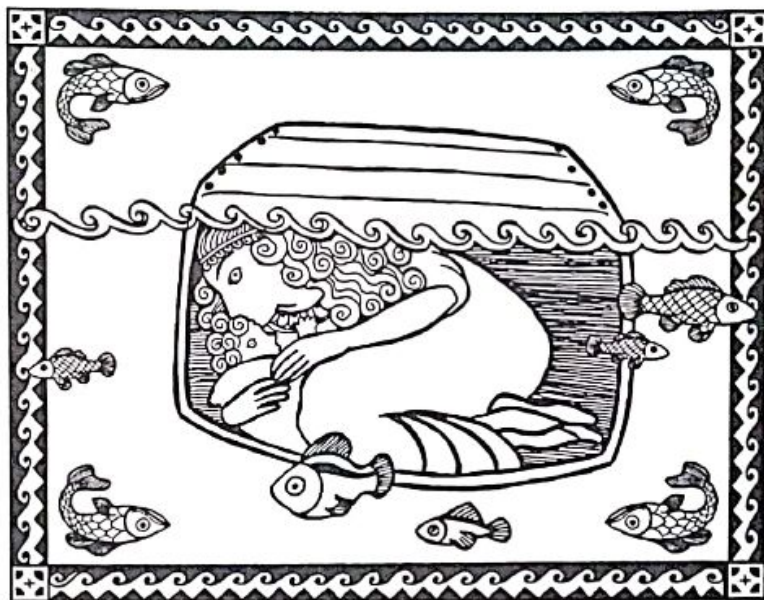
A morte transforma-o em *daimon*, intermediário entre deus e homem. Uma forma de imortalidade garante a perenidade de seu nome, tornando-o um modelo exemplar para os que se esforçam para *superar a condição efêmera do mortal e sobreviver na memória dos homens*.



# PERSEU



Acrísio, rei de Argos, tinha apenas uma filha — Dânae, a mais bela de todas as mulheres da terra, o que não aliviava o desgosto do rei de não ter um filho. Não contendo sua ansiedade, mandou consultar o oráculo de Apolo. A resposta veio terrível: sua filha seria mãe de um jovem que viria a matá-lo. Para manter a princesa longe do olhar dos mortais, Acrísio encarcerou-a numa torre de bronze com apenas uma fresta por onde a jovem contemplava as nuvens e o céu.



Perseu  
e Dânae

Zeus encantou-se com a beleza de Dânae. Tomando a forma de uma chuva de ouro, caiu sobre ela e fecundou-a.

Quando nasceu um menino, que recebeu o nome de Perseu, o rei encerrou a filha e o neto numa arca e ordenou que a lançassem ao mar.

Levada pelas ondas, a arca foi dar na ilha de Sérifos, no reino de Polidectes. Foi encontrada por um pescador de nome Díctis. Ele e sua mulher recolheram a mãe e a criança e cuidaram deles por muitos anos.



Polidectes, rei da pequena ilha, era irmão de Díctis mas, ao contrário deste, tinha um caráter arrogante e cruel. Um dia viu Dânae, ainda radiosamente bela, e desejou possuí-la. Certo de que o filho, agora um alto, esbelto e destemido jovem, a protegeria, o rei tramou uma maneira de se livrar de Perseu. Promoveu uma festa em que todos os convidados tinham de lhe trazer presentes.

O filho de Dânae chegou de mãos vazias e Polidectes ridicularizou-o por desconhecer o costume. Perseu respondeu que breve lhe traria o presente que sabia ser o que mais ambicionava: a cabeça da Medusa.

A Medusa era uma das três Górgonas — monstros que tinham a cabeça coberta por serpentes no lugar de cabelos. Quem quer que as olhasse era imediatamente transformado em pedra. Nenhum homem por si só poderia matá-las. O jovem partiu numa louca empreitada, mas foi salvo com a ajuda de dois grandes deuses.

Sem saber onde encontrar os três monstros, depois de muito vagar buscando uma direção, deparou com uma estranha e encantadora figura — um mancebo que usava um capacete alado, sandálias aladas e trazia um bastão de ouro com asas numa extremidade. Ao vê-lo, o coração de Perseu encheu-se de esperança: só podia ser Hermes.

O deus lhe diz que ele mesmo o guiaria até as Gréias — três mulheres cinzentas que viviam sempre na penumbra. Tinham apenas um olho, comum às três, que partilhavam em turnos. Perseu deveria ficar escondido e apoderar-se deste único olho no momento em que uma delas o tirasse da testa para passar à outra. Só o devolveria quando as Gréias lhe ensinassem o caminho da floresta das ninfas do Norte.

Outra grande divindade traz ao jovem seu auxílio. Palas Atena empresta-lhe seu escudo de bronze polido e aconselha: *Quando atacares a Górgona, não a encares. Olha para seu reflexo neste espelho e evitarás seu poder mortífero.*

Ao fim de longa viagem, encontraram as Gréias e o jovem lembrou-se das instruções: só devolveu o olho às mulheres cinzentas quando elas lhe ensinaram o caminho da floresta das ninfas do Norte.

Perseu, sempre na companhia de Hermes, alcançou a terra longínqua dos Hiperbóreos e recebeu de três donzelas as dádivas sem as quais seria impossível enfrentar a Górgona: sandálias aladas, alforje, cimitarra e um capacete que tornava invisível quem o usasse.

Hermes e seu protegido, voando sobre o oceano, chegaram ao país das irmãs terríveis. As Górgonas dormiam. Refletidos no escudo, o jovem viu três seres horrendos, com grandes asas, os corpos cobertos de escamas douradas e, como cabelo, uma massa confusa de serpentes que se contorciam. Pairando acima deles graças às sandálias aladas, fixando o olhar no escudo e empunhando a cimitarra, Perseu, com um só golpe, cortou a cabeça da Medusa e meteu-a no alforje. As duas irmãs tentaram alcançá-lo e não conseguiram porque o herói tinha colocado o capacete e se tornara invisível.

No caminho de regresso, voando sobre o mar graças às sandálias aladas, Perseu avistou uma linda donzela amarrada a um rochedo. Chamava-se Andrômeda e disse-lhe que tinha sido oferecida em sacrifício a um terrível monstro marinho. O herói logo se apaixonou por ela. Quando o monstro surgiu, cortou-lhe a cabeça. Levou Andrô-



meda a seus pais e pediu-a em casamento. Navegou com a esposa de volta a Sérifos e ao encontro de sua mãe.

Achando a casa vazia, soube que a mulher de Díctis tinha morrido e que o pescador e Dânae tinham se refugiado num templo, fugindo de Polidectes. Soube também que o rei estava dando um banquete no palácio, tendo à sua volta seus fiéis guerreiros. Perseu dirigiu-se para lá e ao entrar, quando todos o olharam atraídos pelo escudo reluzente e pelo rico alforje, tirou deste a cabeça da Medusa e o rei e todos os presentes foram petrificados.

Livres do tirano, os habitantes levaram-no a Dânae. Perseu deixou Díctis como rei de Sérifos e partiu com a mãe e com Andrômeda para Argos. Aí lhe disseram que Acrísio estava desaparecido — fugia com medo da profecia. Disseram-lhe também que o rei de Larissa, ao norte, estava dando início a grandes competições. O herói quis participar dos jogos. Ao lançar o disco, este atinge um dos espectadores e o mata. Era Acrísio. Cumpria-se o oráculo. Perseu reinou em paz com Andrômeda. O filho dos dois, Electrion, viria a ser o pai de Alcmena, mãe de Héracles.

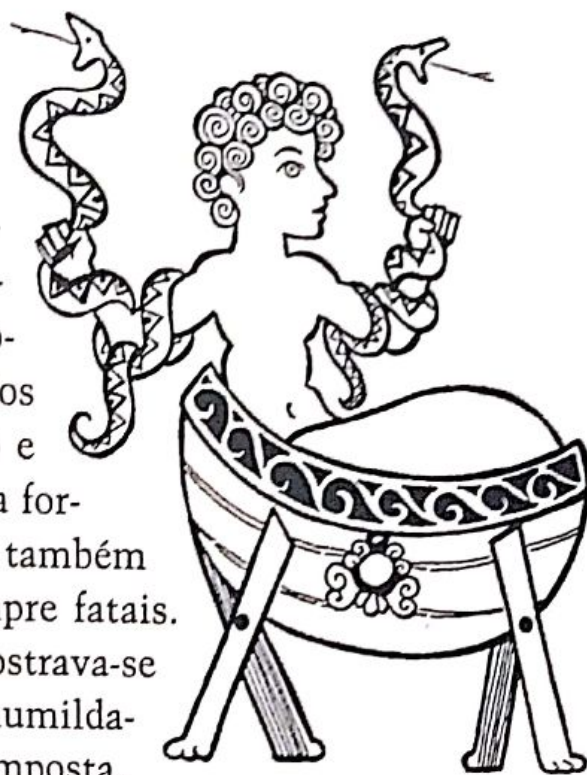
O herói devolveu a Hermes os objetos mágicos; ofereceu a cabeça da Medusa a Palas Atena, que a prendeu no centro de seu escudo.

# HÉRACLES





O maior herói de toda a Grécia e o homem mais forte da Terra — assim se perpetuou o nome de Héracles. Impetuoso, indomável, insubmisso, mas admirado até pelos deuses. Grande capacidade de sentimento e emoções extremas aliadas a uma tremenda força física faziam dele um ser fascinante e também fonte de pavor. Tinha acessos de ira sempre fatais. Passado o acesso, recuperada a calma, mostrava-se penitente e desarmava a todos com sua humildade. Aceitava qualquer pena que lhe fosse imposta.



Héracles

Nasceu em Tebas e durante muito tempo foi considerado filho do grande general Anfitrião. Nesses primeiros tempos, chamava-se Alcides — descendente de Alceu, pai de Anfitrião. Na verdade, era filho de Zeus, que visitara Alcmena, mulher de Anfitrião, tomando a forma do marido quando este estava ausente em combate. Alcmena deu à luz Héracles, filho de Zeus, e Íficles, filho de Anfitrião.

Hera, possuída pelo ciúme, decidiu matar Héracles. Uma noite, quando os dois infantes dormiam, duas enormes serpentes arrastaram-se até seu quarto. Quando os répteis levantaram a cabeça, as crianças acordaram. Íficles fugiu aos gritos, mas Héracles apenas sentou-se, agarrou uma cobra em cada mão e estrangulou-as. Tirésias, o

adivinho cego, confiou a Alcmena: *Juro-te que muitas mulheres gregas hão de ainda cantar-te, ao cardarem a lã, pela tardinha. Teu filho será um herói da humanidade.*

Embora Anfitrião zelasse por sua educação, a natureza feroz do jovem levou-o a grandes desgostos. Num acesso de cólera contra seu professor de música, deu-lhe com a lira pancada tão violenta que o matou. O pai, temendo pela vida dos outros mestres, mandou-o para o campo a fim de cuidar do rebanho.

Aos dezoito anos, o filho de Alcmena matou o leão do monte Citéron e daí em diante, como é representado nas pinturas dos vasos, passou a usar a cabeça do animal como capacete e sua pele como capa.

Pouco tempo depois, conquistou os minianos, que exigiam pesado tributo dos tebanos, e casou-se com a princesa Mégara. Um dia, num acesso de loucura, matou a mulher e os filhos.

Ao voltar ao juízo, entrou em desespero total. Sem saber o que fazer para expiar sua culpa, decidiu se matar.

Teseu veio a seu encontro. Para dissuadi-lo, levou-o para Atenas, mas Héracles continuou obstinado em não mais viver. Finalmente, aceitou consultar o oráculo.

Em Delfos, a sibila aconselha-o a visitar seu primo Euristeu, rei de Micenas, e submeter-se a todas as suas exigências. O rei impôs-lhe uma série de tarefas impossíveis: os doze trabalhos.

O primeiro consistia em liquidar o leão de Neméia, que nenhuma arma conseguia ferir. Héracles venceu-o, estrangulando-o, e carregou-o até Micenas.



O segundo foi ir a Lerna matar a Hidra, um monstro de nove cabeças, tarefa extremamente difícil, pois quando uma cabeça era cortada, duas brotavam em seu lugar. O filho de Alcmena recorreu ao sobrinho, Iolau, que, com uma tocha, cauterizava os pescoços da Hidra à medida que o herói os decapitava para impedir que surgissem outras cabeças. Destruído o monstro, Héracles enterrou-o sob enorme pedra.

O terceiro trabalho consistia em caçar a corça de chifres de ouro que vivia na floresta de Cerínia. Era consagrada a Ártemis e devia ser apanhada viva.

Um ano inteiro o herói andou no seu encalço, até que conseguiu levá-la a Micenas e entregou-a a Apolo e a Ártemis.

O quarto trabalho foi o de mais uma vez trazer viva sua presa: o monstruoso javali que se escondia no monte Erimanto. Levando-o para onde havia neve muito espessa, Héracles perseguiu-o de um lado para o outro até deixá-lo exausto. Segurou-o pelo dorso e levou-o para Euristeu.

O quinto trabalho consistiu em eliminar as estinfálias, aves que afligiam os habitantes da Arcádia. Viviam na escura floresta nas margens do lago Estínfalo e devoravam tudo o que encontravam, inclusive os passantes. Atena ajudou a fazê-las sair de seu abrigo. Assim que voavam para o céu, o herói matava-as com suas flechas envenenadas com o sangue da Hidra.

O sexto trabalho foi o de limpar estábulos que não tinham sido limpos por trinta anos. Abrigavam as milhares de cabeças de gado do

rei Augias. Héracles desviou o curso de dois rios, de modo que suas águas corressesem pelos estábulos, deixando-os limpos.

Os seis primeiros trabalhos têm a Hélade como cenário. Os seis seguintes levam o herói a outras paragens.

O sétimo trabalho foi o de trazer a Micenas o touro selvagem que lançava fogo pelas narinas e assolava Creta. O filho de Alcmena segurou-o pelos chifres, dominou-o e regressou à Hélade montado em seu dorso. Euristeu ofertou-o a Hera, que o recusou e soltou. O animal percorreu a Argólida, saltou sobre o istmo de Corinto, chegando à Ática. Refugiu-se em Maratona, onde, mais tarde, Teseu o capturou e sacrificou a Apolo.

O oitavo trabalho consistia em prender as quatro éguas de Diomedes. O cruel rei da Trácia alimentava-as com a carne dos estrangeiros que as tempestades lançavam às costas de seu país. Héracles venceu Diomedes em luta e lançou-o às éguas. Devorado o rei, o herói conduziu as quatro, sem dificuldade, a Micenas.

O nono trabalho foi o de trazer o cinturão de Hipólita, rainha das Amazonas. Essa tribo de guerreiras vivia a leste da Hélade, na Ásia Menor. Diz a lenda que, para melhor usar o arco, elas amputavam o seio direito. Daí seu nome: a letra alfa, antes de um substantivo, tem uma função privativa, significa *sem*; *mazo* significa *seio*. *Amazo* = *sem seio*.

As Amazonas relacionavam-se com homens apenas como adversários em combate ou para a procriação, e criavam somente as crianças do sexo feminino.



O herói a princípio foi bem recebido, mas Hera fez crer às Amazonas que ele tinha vindo para levar consigo a rainha. Revoltadas, atacaram de surpresa o herói e seus companheiros. Certo de que a própria rainha tinha ordenado o ataque, Héracles matou-a. Derrotou ainda muitas outras guerreiras e levou a faixa de Hipólita.

O décimo trabalho consistiu em reunir e trazer a Micenas o gado de um gigante monstruoso que vivia em Eritia, ilha envolta em brumas no extremo ocidente. O gigante, que se chamava Gerion, dos quadris para cima tinha um corpo tríplice: três troncos que terminavam em três cabeças.

Para chegar à ilha, Héracles alcançou o extremo do Mediterrâneo e ergueu aí dois rochedos — *as colunas de Hércules* —, hoje Gibraltar e Ceuta.

Gerion foi morto a flechadas e o filho de Alcmena, percorrendo um longo trajeto cheio de obstáculos, retornou a Micenas trazendo seu rebanho.

O décimo primeiro foi o trabalho tido como o maior desafio até então: buscar as maçãs de ouro das Hespérides. Para começar, Héracles tinha de descobrir o caminho até o jardim das deusas do poente, o que só conseguiu depois de enfrentar enormes desafios. Um deles foi escalar o Cáucaso e libertar Prometeu, matando a águia que o atacava. Em agradecimento, o bravo titã aconselhou o filho de Alcmena a fazer com que Atlas colhesse, ele mesmo, as maçãs consagradas aos deuses.

O gigante Atlas, pai das Hespérides, sustentava a abóbada do céu sobre seus ombros. Héracles ofereceu-se para sustentar o céu enquanto Atlas fosse buscar as maçãs. O gigante concordou de bom grado, mas, ao retornar, não quis dar os belos frutos ao herói, dizendo que ele mesmo os levaria a Euristeu. Héracles fingiu concordar. Pedia, no entanto, que Atlas o substituísse apenas por um momento para que pudesse arranjar uma almofada para pôr sobre os ombros. O gigante acedeu e voltou a segurar o céu. Héracles pegou as maçãs e retornou a Micenas.

O décimo segundo e último trabalho foi o pior de todos: ir ao Hades e de lá trazer vivo Cérbero, o cão de três cabeças que guardava a entrada do reino das sombras. Depois de enfrentar enormes perigos, Héracles chegou diante do senhor do reino dos mortos e disse-lhe qual era sua missão. Hades deu sua permissão para que a cumprisse, desde que o herói não recorresse a armas para dominar a fera: teria de fazê-lo com suas mãos. Revestido apenas de sua couraça e da pele do leão de Neméia, o herói agarrou-se com Cérbero e quase o sufocou. O monstro, guardião do Hades, perdeu as forças e foi subjugado. Erguendo-o acima de sua cabeça, o herói carregou-o até Micenas. Euristeu, apavorado, não quis ficar de posse do animal e ordenou a Héracles que o levasse de volta ao Hades.

Completados os trabalhos, não se apaziguou o coração do bravo jovem. A inquietude que o levara a tão longas e duras jornadas ainda o impeliria a buscar inúmeras aventuras. Destas, muitas foram aventu-



ras amorosas mas, depois de Mégara, a única esposa de Héracles foi Dejanira. Foi quem, involuntariamente, o levou a seu trágico fim.

Como castigo por seus acessos de fúria, Zeus enviara o filho de Alcmena à Lídia para servir como escravo à rainha Ônfale. Esta o manteve em sua corte um longo tempo e impôs-lhe uma série de tarefas quase impossíveis. Quando o herói executou a última, a rainha libertou-o e casou-se com ele. Teve com ele um filho, mas um dia permitiu que partisse de regresso à pátria, onde Dejanira todo esse tempo o esperava.

No caminho, Héracles combateu contra o rei Êurito, que outrora o desafiara. Destruiu sua cidade e levou consigo um grupo de donzelas cativas, sendo uma de grande beleza — Iole, a filha do rei.

Dejanira aguardou a volta do esposo temendo ser substituída em seu coração pela rainha Ônfale e agora pela princesa Iole. Acreditou que poderia reconquistá-lo com a ajuda de um filtro amoroso que guardava consigo. O centauro Nesso, derrotado por Héracles, antes de morrer, lhe tinha dado a poção mágica, recomendando que a usasse caso o marido algum dia amasse outra mulher. Confiante, embebeu com o líquido a esplêndida túnica que tecera durante a ausência do esposo e enviou-a para que ele a usasse nos sacrifícios solenes, comemorando a vitória.

Quando Héracles vestiu a túnica, começou a sentir dores terríveis e a queimar como numa fogueira. Tentou despi-la, mas o tecido aderiu à sua carne e a fez em pedaços.

Dejanira, ao tomar conhecimento do que acontecera, suicidou-se.

Sem hesitar, Héracles decidiu segui-la. Mandou erguer uma pira no monte Eta e deitou-se sobre ela. Regozijava-se de morrer. Pediu ao fiel companheiro Filoctetes que fosse o portador da tocha para incendiar a madeira e em agradecimento ofereceu-lhe seu arco e flecha. As chamas ergueram-se e ouviu-se o trovão: Zeus viera buscar seu filho e carregá-lo para o Olimpo.

Imortal entre os imortais, o herói reconciliou-se com Hera, justificando seu nome, que significa *glória de Hera*, e desposou sua filha Hebe, deusa da eterna juventude. A imortalidade de Héracles foi conseguida por seus trabalhos, sua *aretê*, mas sobretudo por seus sofrimentos, cumprindo a belíssima máxima de Ésquilo que ouviríamos do coro, séculos mais tarde, na tragédia Agamemnon: "*Sofrer para compreender.*"



# TESEU



**T**eseu foi o grande herói ateniense. Como outras figuras da mitologia, teve dupla paternidade. Egeu, rei de Atenas, julgava ser seu pai, mas na realidade o jovem era filho de Posídon e de Etra. O pai desta, Piteu, rei de Trezena, considerado um sábio, foi o autor do embuste.

Tudo se deu quando, não conseguindo ter um filho, Egeu consultou Apolo. Sem entender a mensagem do oráculo, pediu ao sábio de Trezena que a decifrasse.

Piteu, depois de embriagar Egeu, levou-o para o leito de Etra.

Em sonho, a princesa viu Posídon à sua frente e entregou-se ao deus. Dessa noite de amor ficou grávida de Teseu, que o rei de Atenas sempre pensou ser seu filho.

Antes de regressar a Atenas, Egeu colocou uma espada e um par de sandálias dentro de um buraco e cobriu tudo com uma grande pedra. Recomendou à esposa que, quando o filho fosse forte o bastante para remover a pedra e retirar os objetos, deveria ir para Atenas e se apresentar ao pai.

Teseu cresceu e tornou-se mais forte do que qualquer outro jovem. Quando a mãe o levou até a pedra, ele a levantou sem dificuldade e apossou-se dos objetos. Soube então que era o momento de procurar o pai.

Recusando o barco que a mãe e o avô lhe ofereciam, decidiu que seguiria por terra, buscando obstáculos e perigos, como Héracles, seu



herói. Enfrentou inúmeros assaltantes e bandidos. Cada inimigo vencido recebia um castigo igual ao crime que praticara.

Chegou a Atenas já coberto de glória e, embora mero estrangeiro, foi convidado pelo rei para um banquete. Para revelar a Egeu sua identidade, puxou da espada. O pai reconheceu-a, assim como as sandálias, e anunciou ao país que ali estava seu filho e herdeiro.

Logo surgiu a oportunidade de o príncipe fazer-se amado pelo povo.

Anos antes de sua chegada, tinha acontecido uma grande desgraça à cidade. Minos, o poderoso rei de Creta, tinha perdido o único filho, Andrógeo, grande campeão em todos os jogos.

Numa visita do jovem a Atenas, Egeu, invejoso de sua glória, enviara-o a combater o terrível Touro de Maratona. Desafio aceito, o príncipe foi vencido e morto.

Com poderosa armada, Minos desembarcou e marchou contra a cidade dedicada a Palas Atena.

A guerra se prolongava e uma peste assolou Atenas. O rei de Creta concordou em retirar-se, desde que anualmente lhe enviassem sete donzelas e sete rapazes para serem lançados no Labirinto e devorados pelo Minotauro. Tal era o destino que aguardava catorze jovens poucos dias após a chegada de Teseu, que se ofereceu imediatamente como uma das vítimas.

O Minotauro era um monstro, meio touro meio homem, filho de Parsífae, mulher de Minos, e de um touro belíssimo que Posídon doara ao rei de Creta para que lhe fosse oferecido em sacrifício. No

entanto, o monarca decidira guardar para si o esplêndido animal. O deus do Oceano, para castigar Minos por sua desobediência, levou Parsífae a perder-se de amor pelo touro. Quando nasceu o Minotauro, o rei não o matou. Encarregou o grande arquiteto e inventor Dédalo de construir um local de onde fosse impossível escapar. Dédalo concebeu o Labirinto — um edifício subterrâneo com corredores e caminhos em ziguezague, tão intrincados e com tantas voltas que quem ali entrasse jamais encontraria a saída. O Minotauro ficou encerrado no final do mais profundo dos corredores, onde devorava suas vítimas.

Antes de deixar Atenas, Teseu confiou ao pai sua intenção de matar o Minotauro. Prometeu-lhe que, se fosse bem-sucedido, substituiria a vela preta do barco que levava sua triste carga e enfunaria em seu lugar uma vela branca, para que Egeu soubesse que o filho estava são e salvo.

Quando as jovens vítimas desembarcaram em Creta, desfilaram perante os habitantes a caminho do Labirinto. A filha de Minos, Ariadne, ao ver Teseu, apaixonou-se por ele.

Para que o herói pudesse encontrar o caminho de volta, a princesa deu-lhe um novelo de fio que ele deveria ir desenrolando à medida que penetrasse no Labirinto. Teve, porém, de comprometer-se a levá-la para Atenas e casar-se com ela.

Teseu caminhou em direção ao Minotauro e encontrou-o dormindo. Caiu sobre ele e, sem ter armas, surrou o monstro com os punhos até matá-lo. Junto com os jovens companheiros, seguindo o fio, chegaram à saída.

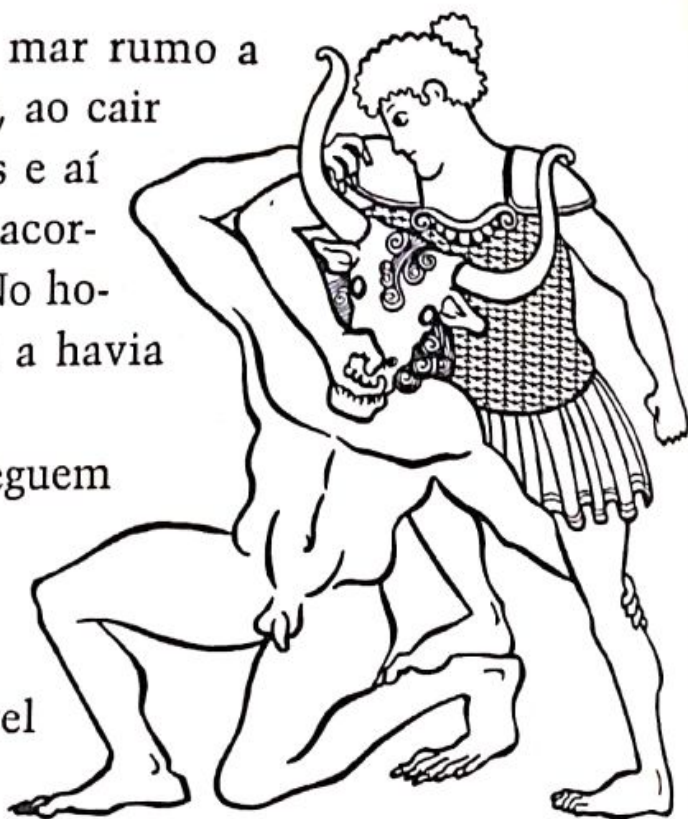


Levando Ariadne, fizeram-se ao mar rumo a Atenas. Em meio à viagem, um dia, ao cair da tarde, aportaram à ilha de Naxos e aí passaram a noite. Quando Ariadne acordou na manhã seguinte, estava só. No horizonte, o navio desaparecia: Teseu a havia abandonado.

Várias versões tentam e não conseguem justificar o ato do herói de traição à sua salvadora. Segundo algumas, muito se arrependeu e ficou tão infeliz que cometeu mais uma terrível falha: esqueceu-se de desfraldar as velas brancas anunciando a vitória.

Egeu, que cada dia aguardava na praia o retorno do barco, ao ver as velas negras, pensou ter perdido o filho em Creta. Lançou-se nas ondas e morreu no mar que recebeu seu nome.

Após a morte de Egeu, Teseu tornou-se rei de Atenas e assumiu o poder sobre toda a Ática. Rei sábio, declarou ao povo que não pretendia dominá-lo: queria um governo do povo. Organizou uma comunidade; mandou construir um edifício para nele reunir um conselho, em que os cidadãos exerceriam o direito de voto. Manteve para si apenas o cargo de comandante-em-chefe. Realizou o famoso *synoikismos* — sinecismo —, que reunia em uma só *polis* os habitantes dispersos pelo campo. Em linhas gerais, fundou a democracia. Pro-



Teseu e  
Minotauro

mulgou leis e instituiu a festa das Panatenéias, símbolo da unidade da Ática. Atenas tornou-se a mais feliz e próspera das *polis*.

Consolidada a tarefa política, o rei de Atenas resgatou sua vocação heróica, sempre em causas que faziam apelo a seu sentido de justiça.

Quando o velho Édipo, repudiado por todos, chegou à Ática, Teseu acolheu-o e reconfortou-o, assistiu-lhe na morte e sepultou seu corpo num bosque próximo à saída da cidade, que se tornou um bosque sagrado e lugar de veneração.

Na Guerra dos Sete contra Tebas, quando os tebanos vitoriosos se recusaram a enterrar os vencidos, os parentes destes pediram auxílio ao rei de Atenas. Teseu conquistou Tebas e ordenou que se desse sepultura aos mortos.

Quando Héracles estava entregue ao desespero depois do acesso de loucura que causara a morte da mulher e dos filhos, Teseu o dissuadiu do suicídio e levou-o consigo para Atenas.

O maior herói ateniense partiu para um grande número de aventuras, como a expedição em busca do Velocino de Ouro, a bordo da nau *Argo*.

Uma outra, reproduzida magnificamente no frontispício do templo de Zeus em Olímpia, deu-se quando o herói participou das bodas de seu amigo Pirítoo, rei dos Lápitais. No meio do banquete, a provocação dos centauros desencadeou uma terrível batalha. Com a ajuda de Teseu, os centauros foram derrotados e expulsos da região.

No período maduro de sua vida, o herói casou-se com a irmã de Ariadne, Fedra. Antes tinha desposado Antíope, rainha das Amazo-



nas, com quem tivera um filho, Hipólito. Uma versão narra que Teseu a repudiara para casar-se com Fedra e por isso as Amazonas invadiram a *polis*. Antíope foi vencida e morta em combate. Derrotadas, as temíveis guerreiras bateram em retirada e deixaram a Ática.

Hipólito, filho de Teseu e de Antíope, afirmando seu desejo de manter-se casto, tinha se consagrado a Ártemis, a deusa virgem, o que irritara profundamente Afrodite. Como vingança, a deusa fez despertar em Fedra uma paixão avassaladora pelo enteado. Repudiada, a rainha simulou uma tentativa de violação por parte do jovem.

Ao tomar conhecimento da acusação, Teseu, louco de raiva contra o filho, rogou a seu pai Posídon que o castigasse.

Quando, em Trezena, o príncipe passava com sua carruagem à beira-mar, o deus enviou das ondas um monstro que fez os cavalos dispararem. Hipólito ficou preso nas rédeas e esfacelou-se nos rochedos.

Ao receber essa notícia, Fedra enforcou-se.

Ártemis revelou a verdade a Teseu. Com o filho agonizante nos braços, recebeu o perdão de Hipólito.

Teseu terminou seus dias banido de Atenas. Refugiou-se na ilha de Círos, na corte do rei Licomedes, mas seu anfitrião, por razões que desconhecemos, assassinou-o, lançando-o do alto de um penhasco.

Após sua morte, porém, o herói foi celebrado com honra e dignidade. Seu corpo foi transportado para Atenas e enterrado sob um túmulo magnífico, que se tornou santuário inviolável de escravos fugitivos e dos oprimidos. Teseu, que fora campeão da democracia, mantinha-se como defensor e baluarte dos injustiçados.

# JASÃO E OS ARGONAUTAS





**A**té agora conhecemos personagens de extraordinária bravura que realizaram tarefas enfrentando solitários os perigos e desafios. Existem sagas, porém, em que as façanhas são vividas por um grupo de heróis. Antes de assistir à mais famosa, a do bando de guerreiros que parte em expedição contra Tróia, vamos acompanhar outra mais antiga: a história dos Argonautas e seu chefe Jasão em busca do Velocino de Ouro.

A saga começa com a origem do Velocino.

Átamas, rei de um pequeno reino na Beócia, desposou Néfele, que lhe deu um casal de filhos: Frixo e Hele. Logo veio a repudiá-la e casou-se com Ino, que, enciumada dos filhos do primeiro matrimônio, decidiu matá-los. Para isso urdiu um ardiloso plano: apoderou-se de todas as sementes de cereais e secou-as, para que não houvesse colheita naquele ano.

Alarmado com a catástrofe, Átamas mandou consultar o oráculo de Delfos. Ino subornou os mensageiros para que, ao retornarem ao reino, distorcessem a resposta da Pítia, dizendo que, para cessar tão grande flagelo, era exigido o sacrifício de Frixo e Hele.

Quando os dois irmãos estavam sendo conduzidos ao altar para serem imolados, surgiu um carneiro com o Velocino de Ouro, que os arrebatou e carregou-os sobre seu dorso pelos ares afora. Era um presente de Hermes, que atendia assim à oração de Néfele.

O carneiro atravessou de um salto o estreito que separa a Europa da Ásia, mas Hele não se sustentou sobre seu dorso e caiu no mar. O estreito ficou conhecido pelo nome da jovem: Helesponto, que significa mar de Hele. Frixo, mantendo-se firme no dorso do animal, foi levado até a Cólquida, no mar Negro, onde foi recebido pelo rei Eetes, que lhe concedeu a mão de sua filha Calcíope.

Antes de retornar à Hélade, Frixo sacrificou o carneiro a Zeus. Ofereceu o Velocino de Ouro ao rei, que o consagrou a Ares, cravando-o num carvalho, no bosque consagrado ao deus da guerra.

Foi esse Velocino que deu origem à expedição dos argonautas.

Essa história se inicia com a disputa pelo reino de Iolco. Reinava aí um tio de Frixo que fora destronado por outro sobrinho, Pélias. O herdeiro legítimo, o jovem Jasão, tinha sido enviado para um lugar distante e seguro, o monte Pelion, para ser educado pelo centauro Quíron.

Ao completar vinte anos, o jovem despediu-se do mestre, desceu o monte e retornou à cidade natal. Vestia-se de modo estranho: usava uma pele de pantera como manto, levava uma lança em cada mão e tinha apenas o pé direito calçado com uma sandália. Sua estatura era magnífica e anéis de cabelo claro caíam-lhe costas abaixo. Dirigiu-se à ágora — praça central e mercado — na hora de maior movimento.



Quíron



Ao vê-lo, Pélias assustou-se, lembrando-se das palavras do oráculo: *Desconfie do homem que tenha apenas uma sandália.*

Jasão dirigiu-se imediatamente a ele e exigiu o trono que lhe pertencia. O rei concordou, contanto que o jovem fosse antes à Cólquida e lhe trouxesse o Velocino de Ouro.

A perspectiva de uma aventura de tão grande monta muito agradou a Jasão. Ordenou que um arauto convocasse príncipes e heróis através de toda a Grécia para partilharem o grande empreendimento. A deusa Hera tomou-o sob sua especial proteção, inflamando os corações dos mais nobres jovens gregos. Mais de cinquenta apresentaram-se para participar da arriscada missão, entre eles Héracles, Orfeu, Castor e Pólux, Zetes e Cálais, filhos do vento Bóreas, Peleu, o pai de Aquiles, e muitos outros.

Embarcaram na bela nau *Argo*, lançada ao mar com grande cerimônia numa praia da Tessália. Depois de libações a Zeus, Apolo e Posídon, singrou o *Argo* em direção à Cólquida.

O bravo grupo enfrentou adversários terríveis, como as Hárpias — seres voadores com enormes bicos e garras aduncas. Conseguiram atravessar os Rochedos Movediços e muitos outros obstáculos. Penetraram finalmente no mar Negro e navegaram para o reino de Eetes, na Cólquida.

A tarefa de trazer o Velocino cabia a Jasão. O herói dirigiu-se ao rei comunicando-lhe a missão que o trazia à Ásia. Eetes concordou em entregar o precioso Velocino desde que o chefe dos argonautas executasse quatro tarefas: primeiro, subjugar dois touros que tinham patas

de bronze e lançavam chamas pelas narinas; segundo, com esse par de touros deveria arar um campo e nele lançar dentes de dragão como sementes; terceiro, matar os gigantes que nasceriam dessas sementes; por último, eliminar o dragão que guardava o Velocino no bosque consagrado a Ares.

Preocupada com o perigo que corriam os argonautas, Hera pediu auxílio a Afrodite. Juntas planejaram que Eros levaria a princesa Medéia, grande conhecedora de magias, a se apaixonar por Jasão e ajudá-lo a vencer todas as provas. Em troca, a filha de Eetes exigiu do herói a promessa de que se casaria com ela e a levaria para a Grécia.

Medéia deu a Jasão um bálsamo com o qual untar o corpo e as armas, tornando-os invulneráveis. Recomendou-lhe também que, tão logo nascessem os gigantes gerados pelos dentes do dragão, atirasse de longe uma pedra no meio deles. Começariam a se acusar mutuamente do lançamento da pedra e lutariam uns contra os outros até se exterminarem todos.

Tudo aconteceu segundo as instruções da princesa feiticeira.

Restava ainda vencer o dragão no bosque de Ares.

Com seus sortilégios, Medéia o fez adormecer. Jasão atravessou-o com sua lança e apossou-se do Velocino de Ouro.

Eetes recusou-se a cumprir o pacto e ainda ameaçou incendiar o Argo. Só restava aos heróis e a seu chefe correr para bordo, levando Medéia e o irmão desta, Apsirto, como refém.

A feiticeira esquartejou o irmão e espalhou seus membros sobre a água. Eetes tinha saído em perseguição aos fugitivos mas deteve-se



para recolher o corpo despedaçado do filho, e o *Argo*, a salvo, alcançou o mar alto.

Os argonautas tiveram ainda de atravessar duras provas, como a de passar entre o rochedo de Cila e o vórtice de Caríbdis — prova que se tornou símbolo de uma situação em que, para escapar de um grande perigo, temos de enfrentar outro igualmente terrível e originou a expressão: *estar entre Cila e Caríbdis*.

Ao chegarem a Creta, Medéia usou seus poderes para que pudessem derrotar Talo, o gigante de bronze. Só então desembarcaram e recuperaram forças para o resto da viagem.

Ao retornarem à Grécia, os heróis se separaram, seguindo cada um para sua terra. Jasão levou a nau *Argo* para Corinto e consagrou-a a Posídon. Em seguida, voltou a Iolco com a intenção de entregar a Pélias o Velocino de Ouro.

Ao chegar à sua cidade, porém, tomou conhecimento de uma série de atrocidades cometidas pelo rei. Numa delas, tinha levado Esão, pai do herói, ao suicídio e sua mãe a morrer de desgosto.

Para punir o monarca, Jasão recorreu mais uma vez às artimanhas de Medéia. A feiticeira convenceu as filhas do usurpador de que poderiam rejuvenecer o pai se, depois de adormecê-lo, o fizessem em pedaços e o pusessem a ferver num caldeirão numa poção mágica. Quando terminaram a tarefa medonha, as jovens voltaram-se para a feiticeira esperando que dissesse as palavras que trariam o pai à vida e à juventude, mas Medéia desaparecera. As filhas de Pélias, horrorizadas, fugiram para a Arcádia.

Jasão e Medéia foram banidos e exilaram-se em Corinto com seus dois filhos. O rei dessa cidade quis ter o herói como genro e persuadiu-o a casar-se com sua filha. Jasão concordou com o enlace real e repudiou a filha de Eetes. Enlouquecida de ciúmes, Medéia planejou sua vingança. Enviou à noiva, como presente de núpcias, um belíssimo véu impregnado com uma poção fatal.

Vaidosa, a jovem logo se cobriu com o lindo manto. De imediato, foi envolvida em chamas que devoraram suas carnes e seus ossos.

Certa de que a morte seria para eles o melhor destino, Medéia assassinou os filhos e fugiu num carro alado, amaldiçoada por toda a *polis*.

Algum tempo depois, morreu Jasão quando repousava ao pé da nau *Argo*, atingido por uma viga, caída do mesmo barco que o levara à glória.



# OS HERÓIS DA GUERRA DE TRÓIA



As histórias que até agora acompanhamos foram transmitidas oralmente pelos aedos — trovadores ou rapsodos — através de séculos. A aventura que aqui começa, a guerra entre aqueus e troianos, embora envolta em lenda e cantada por poetas e pelos trágicos, já se encontra documentada em estudos históricos. Podemos, então, nos indagar sobre a origem desses heróis. Os aqueus pertenciam a um grupo humano cujos antepassados viveram na vasta pradaria que se estende para leste da Hungria, pelo sul da Rússia e da Ásia Central até os montes Altai. Nômades e pastoris, esses habitantes não constituíam uma raça única, mas suas várias tribos falavam línguas que tinham muito em comum. Cerca de 2000 a.C., alguma calamidade, possivelmente uma grande seca, provocou o início de ondas sucessivas de migrações na direção sudoeste, levando várias tribos a ocupar ambas as margens do mar Egeu. Os aqueus são também chamados de helenos e a terra que ocuparam passou a ser chamada de Hélade. A população mais antiga, no entanto, a da Arcádia, onde está Atenas, considerava-se pré-helênica. Diziam-se autóctones — nascidos da terra — e senhores daquelas paragens *desde antes do nascimento da lua*.

Por volta de 1600 a.C., um grupo liderado por chefes aqueus estabeleceu-se e fundou pequenos reinos através das penínsulas e ilhas da Hélade, sobretudo no Peloponeso. Entre esses, o mais rico e mais forte foi Micenas, cidade-estado fundada por Atreus, filho de Pelops, que



deu o nome à península, erradamente tida como uma ilha. *Neso* significa ilha e Peloponeso, *ilha de Pelops*.

Os novos senhores do território traziam uma organização aristocrática em torno de um chefe ou rei, uma aristocracia de cavaleiros — *hipeis* — que deixou forte marca na formação do espírito grego. No correr dos séculos, absorveram também a civilização cretense que tinha dominado aquelas paragens e caído em declínio. A fusão dos elementos helênicos com os da cultura minóica produziu a civilização micênica — pano de fundo dos poemas de Homero.

A expressão "poemas de Homero" é ainda hoje tema de controvérsia. Deve-se ao lendário rapsodo cego a autoria da *Ilíada* e da *Odisseia*? Para alguns pesquisadores ele seria apenas um compilador de lendas. A maioria, no entanto, argumenta que a unidade da composição, sua qualidade humana, seu vigor e grandiosidade só poderiam ser criação de um poeta, talvez o maior que já tenha existido. Conta-se que o grande trágico Ésquilo descrevia sua própria obra como apenas *fatias do banquete de Homero*.

A dimensão do gênio manifesta-se através de toda a leitura, desde as primeiras linhas. A mestria do estilo transparece no ritmo das repetições; na luminosidade dos epítetos: *Aurora dos dedos róseos, Atena de olhos de coruja, mar cor de vinho*; na força dos símiles: *Assim como um rio que transborda desce da montanha para a planície, em torrentes, inchado pelas chuvas de Zeus, e muitos carvalhos secos, muitos pinheiros são carregados e muita vasa é atirada ao mar, as-*

sem perseguia o inimigo, caçando-o na planície, o valoroso Ajax, matando cavalos e homens.

Os dois poemas formam a base da educação grega. Fonte nutritiva da fantasia de artistas e pensadores, assim como de informação objetiva dos homens comuns, Homero era citado para resolver questões de moral e costumes e até mesmo de divisões territoriais.

Temos de nos contentar aqui com um resumo, o que nos priva da nobreza da linguagem, mas nos dá, ao menos, uma visão da aventura magnífica e nos leva ao encontro dos heróis. Para nos "banquetearmos", deveríamos entrar diretamente na leitura, desde os primeiros versos: *Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, filho de Peleu, cólera funesta, que precipitou no Hades almas de heróis sem conta, e os corpos lhes tornou em presa de cães e pássaros carniceiros; assim cumpria-se a vontade de Zeus.*

O poeta roga à deusa que comece o canto com a contenda entre o chefe da confederação dos aqueus — Agamemnon, rei de Micenas, e o divino Aquiles. O conflito entre os dois reis ocorre na praia onde estão ancorados os navios gregos à vista das muralhas de Tróia, também chamada Ílion. A cidade rica e poderosa que crescera nas margens do rio Escamandro, próximo à costa oriental do Egeu, era a grande adversária dos reinos aqueus.

Poucas cidades viriam a ser tão célebres — imortalizada por uma guerra que se estendeu ao próprio Olimpo. Os deuses dividiram-se na proteção aos campos inimigos, uns tomando partido dos aqueus e ou-



tros dos troianos. A própria causa da guerra remonta a uma disputa entre deusas — episódio conhecido como *A sentença de Páris*.

Éris, a deusa da Discórdia, não era benquista pelos deuses do Olimpo. Ao contrário, evitavam-na e não a convidaram para a festa de casamento do rei Peleu com a ninfa Têtis. Para vingar-se, ela lançou dentro do salão uma maçã de ouro — o *pomo da Discórdia* — sobre a qual estava gravado: *Para a mais bela*. Naturalmente, todas as deusas a queriam, mas a disputa final ficou entre Hera, Palas Atena e Afrodite. As três pediram a Zeus que fosse o juiz, mas o senhor dos raios prudentemente se recusou e aconselhou-as a irem ao monte Ida, perto de Tróia, e deixarem a decisão com Páris, príncipe troiano, excelente juiz de beleza feminina.

No alto do monte, Páris trabalhava como pastor, tendo sido afastado da corte depois que um oráculo avisara ao rei Príamo que seu filho viria trazer a ruína a seu país.

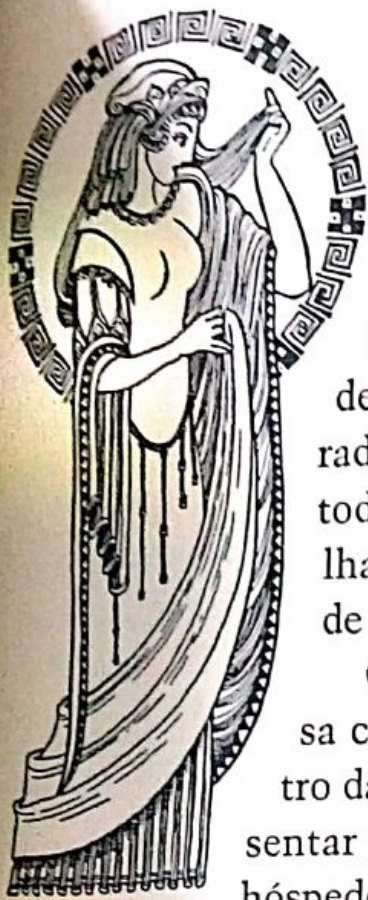
Com grande espanto, Páris viu diante de si as três magníficas figuras e ouviu delas a proposta: segundo o presente que mais lhe agradasse, escolhesse a mais bela e decidisse qual delas ganharia a maçã de ouro.

Desvanecido, o príncipe passou a ouvir o que as deusas tinham a lhe oferecer.

Hera prometeu fazer dele o senhor da Europa e da Ásia.

Palas Atena prometeu-lhe uma vitória triunfal sobre os aqueus.

Afrodite prometeu-lhe que seria amado pela mais bela mulher do mundo.



Páris deu a Afrodite a maçã dourada, escolha memorável e que viria a ser consagrada como a causa da guerra de Tróia.

A mais bela mulher do mundo era Helena, desejada por todos os príncipes da Hélade. Era filha de Zeus, que ao seduzir Leda, sua mãe, tomara a forma de um cisne. O rei Tíndaro, esposo de Leda e considerado pai de Helena, para evitar contendas, exigiu que todos os pretendentes jurassem defender o marido da filha, fosse quem fosse. Seu escolhido foi Menelau, rei de Esparta, irmão de Agamemnon, rei de Micenas.

Quando Páris deu a maçã dourada a Afrodite, a deusa conduziu-o a Esparta, onde foi recebido pelo rei dentro das normas sagradas da hospitalidade. Tendo de se ausentar para comparecer a um funeral, Menelau deixou o hóspede aos cuidados da esposa, por quem o príncipe troia-

no se apaixonara. Assim que o rei partiu, Páris raptou Helena e levou-a para Tróia.

Menelau convocou toda a Grécia para ajudá-lo a resgatar a esposa. Sob o comando de seu irmão Agamemnon, rei de Micenas, os reis aqueus formaram uma aliança: uma grande armada de mil barcos transportaria as hostes gregas.

Reunidos em Áulis, aguardavam ventos favoráveis, que se recusavam a soprar. Uma ofensa tinha sido feita a Ártemis e, para aplacar a ira da deusa, Ifigênia, a filha mais velha de Agamemnon, tinha de ser



imolada. O sacrifício foi oferecido. Os ventos encheram as velas e a frota de mil barcos partiu rumo à Ásia. Levava o exército grego, que desembarcou à vista da poderosa Tróia, guardada por altas muralhas.

Durante nove anos a vitória oscilou entre um lado e outro e, ao final desse tempo, eclodiu *a contenda que lançou em discórdia e separou o Atrida, rei de guerreiros, e o divino Aquiles*, cantada no primeiro verso da *Iliáda*.

Homero foi criticado desde a Antiguidade, inclusive por Horácio, por começar sua história *in media res* — “no meio da coisa”. De um outro ângulo, muitos autores vêem nessa escolha a marca do gênio. Não é a crônica de uma guerra, é um poema. Não é um relato militar, mas a história de uma paixão. Um drama épico sobre o conflito entre dois homens, conflito que causou sofrimento e horror, desonra e morte, e glória para tantos.

# ILÍADA





## Canto I

Logo no segundo verso, impõe-se a pergunta: o que causara o conflito entre os dois chefes?

*Qual foi o deus que suscitou a disputa entre eles?*

A resposta vem em seguida: Apolo. Enraivecido com Agamemnon, o luminoso filho de Zeus descarregou sobre o exército uma peste que dizimava as tropas. Seu sacerdote Crises tinha sido tratado com desprezo pelo rei de Micenas quando veio até às *ágeis naus dos gregos* resgatar sua filha Criseida, a parte mais valiosa dos espólios e que Agamemnon tinha reservado para si. O Atrida recusou-se a entregá-la e expulsou o sacerdote com escárnio ... *amedrontado, o velho seguiu em silêncio pela orla do mar tumultuoso.*



Crises roga a Apolo que o vingue e o deus atende seu pedido. *Desceu dos píncaros do Olimpo com o coração irritado, trazendo o arco ao ombro e bem fechado o carcás: ao mover-se, as flechas chocalhavam ressoando sobre seus ombros, tão irritado ele estava. Veio rápido como a noite.*

Assim começa o combate de Apolo aos gregos.

Durante nove dias caíram sobre o exército os dardos do deus. No décimo dia, instigado pela deusa Hera de alvos braços, que via, preocupada, morrerem assim os aqueus, Aquiles convocou as tropas. Quando as viu reunidas, ergueu-se no meio delas Aquiles de pés ligeiros e disse: Teremos de voltar para nossas casas — visto que se juntaram a guerra e a peste para *dar cabo dos aqueus*.

Mas propõe que antes consultem um áugure que lhes revele a causa da ira de Apolo.

Calcas, *indiscutivelmente o melhor dos oráculos*, tendo Aquiles lhe assegurado que poderia falar sem medo pois teria sua proteção, revelou a causa da ira do deus: o tratamento dado a Crises, seu sacerdote. A peste não cessaria enquanto a jovem não fosse devolvida a seu pai e com ela um rebanho para sacrifício.

Agamemnon se enfurece e diz que prefere à esposa, Clitemnestra, a jovem que agora querem lhe tirar; que todos têm sua partilha da pilhagem e que só ele tem de ser lesado da sua; que então lhe dêem outro lote.

Aquiles responde que ele sabe muito bem que já foi tudo repartido e não sobra nada.

Agamemnon diz que tirará a parte de outro: de Ajax ou de Idomeneu ou de Odisseu ou dele, filho de Peleu.

Segue-se violenta altercação quando o rei de Micenas decide se apropriar de Briseida, *de pulcras faces*, a recompensa de Aquiles: (...) *transido de dor, o filho de Peleu ponderava no coração, que se lhe*



*agitava dentro do peito hirsuto, se deveria desembainhar a espada e, afastando os outros, matar o Atrida, ou se deveria acalmar sua ira e sossegar seu coração.*

Enquanto pensava, desceu do céu Atena, mostrando-se somente a ele, puxando-o pelos cabelos louros. Vem lhe dizer que se acalme, que não tire a espada da bainha, que injurie Agamemnon apenas com palavras o quanto quiser e que algum dia ele teria o triplo dos presentes que ora te arrebatam, mas retém teu braço.

Atena voltou ao Olimpo. Obedecendo-a, Aquiles lançou em palavras sua fúria contra o chefe dos aqueus: *Bêbado, cara de cão, coração de veado, nunca tiveste coragem de te armares e combater com a tropa... Está visto que é mais proveitoso roubar a recompensa de quem te contraria.*

Depois de proferir todos os insultos, fez o juramento de não mais combater e profetizou para os aqueus o pesar de haver perdido Aquiles: *e tu não poderás acudir-lhes, por mais que desesperes, quando em massa caírem mortos aos golpes de Heitor, o matador de homens. E tu mesmo rasgarás teu coração, furioso por haveres ultrajado o melhor dos aqueus.*

Depois de a comissão mandada por Agamemnon ter vindo buscar Briseida e a ter levado para sua tenda, Aquiles, com os olhos arrastados de lágrimas, longe dos companheiros, foi sentar-se nas dunas do mar alvacentas, os olhos postos nas ondas infinitas... e chamou sua mãe Têtis que o ouviu, assentada no fundo do mar, ao pé de seu velho pai. Emergindo das ondas, Têtis acudiu e consolou o filho, pro-

metendo-lhe que a afronta seria vingada. Pediu a Zeus que protegesse os troianos para que a *timé* — a honra — de Aquiles fosse restaurada.

Concluída a entrevista, separaram-se os dois. Têtis mergulhou no mar profundo, do alto do cintilante Olimpo, e Zeus encaminhou-se para seus aposentos.

(...) *Hera, porém, não ignorava que com ele se concertara Têtis de argênteos pés, filha do Velho do Mar. Exigiu que o senhor do raio e do trovão se mantivesse neutro.*

Com a discussão do casal encerra-se o *Canto I*.

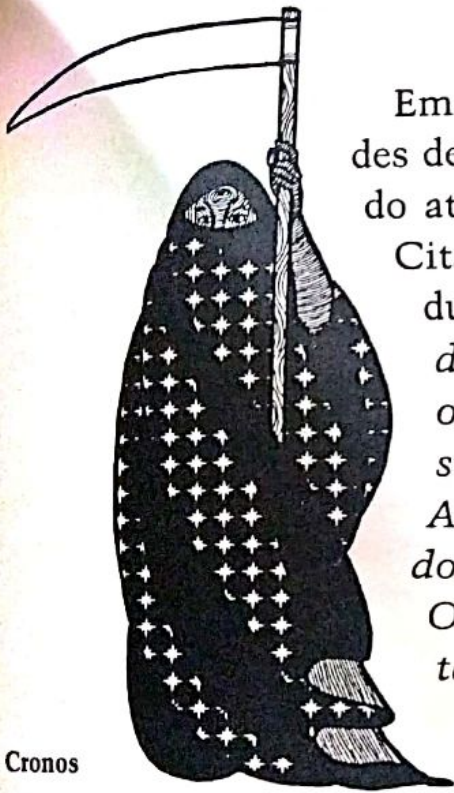
## *Canto II*

Zeus, contudo, cumpriu sua promessa a Têtis. Enviou a Agamemnon um sonho enganador: prometeu-lhe que a vitória seria sua se tomasse a iniciativa. Bem sabia o filho de Cronos que, sem a participação de Aquiles, os gregos estavam em grande desvantagem.

Agamemnon reúne todos os aqueus. As tropas são descritas em imagens e símiles de brilho ofuscante: *Assim como o fogo destruidor incendeia uma floresta imensa, no cume da montanha, e cujo clarão se avista ao longe, assim coruscava o bronze maravilhoso dos guerreiros em marcha, e seu reflexo, através do éter, chegava até o céu.*

O *Catálogo das naus* constitui a maior parte do *Canto II*. Para compor a relação dos guerreiros, o poeta invoca mais uma vez as musas: *Dizei-me agora, Musas que habitais as moradas do Olimpo (...) quais eram os guias e chefes dos aqueus.*





Cronos

Em tom solene são enumerados os chefes, suas cidades de origem e o número de naus que os tinham trazido até a costa onde se erguiam as muralhas de Ílion.

Citando apenas os guerreiros que mais se destacaram durante a peleja: Os *Lócios eram guiados pelo rápido Ajax (...)* no arremessar o dardo não havia entre os *Helenos quem se lhe avantajasse*. Os que possuíam *Argos e a fortificada Tirinto, Hermíona e Asina (...)* *Epidauro e suas vinhas (...)* eram chefiados por *Diomedes, bom para o grito de guerra (...)* Os que possuíam a *Lacedemônia, rodeada de montes e suas ravinas, Fares, Esparta (...)* a todos acaudilhava o irmão de Agamemnon, *Menelau*. Os que habitavam *Pilo, a deliciosa Arena, Trio, vau do Alfeu (...)* tinham por chefe *Nestor (...)*

*Ulisses conduzia os magnânimos cefalenses, que possuíam Ítaca (...)* Tinham os troianos por chefe o grande *Heitor, de capacete cintilante, filho de Príamo (...)* Os dardânios obedeciam ao valente filho de *Anquises, Enéias (...)*

### Canto III

O primeiro grande confronto. Os troianos descem à planície. Do alto das muralhas, os anciãos, junto com Príamo e Helena, contemplam a luta.

Páris propõe que ele e Menelau, em combate singular, decidam o destino de Helena. Quando o príncipe troiano estava para ser vencido e morto, Afrodite envolveu-o numa nuvem e retirou-o do combate, transportando-o para dentro das muralhas.

#### *Canto IV*

Tendo Páris desaparecido, Agamemnon declara Menelau vencedor e exige que os troianos restituam Helena. E eles teriam concordado se Atena, instigada por Hera, não tivesse interferido. A esposa de Zeus queria Tróia destruída.

Atena persuadiu o troiano Pândaro a romper a trégua: ele dispara uma flecha sobre Menelau, ferindo-o de leve. Tomados de raiva, os gregos atacam os troianos e a batalha recomeça.

Ares, sempre fiel a Afrodite, e Apolo lutam pelos troianos. Atena e Hera, pelos aqueus.

#### *Canto V*

Num combate encarniçado, Diomedes mata Pândaro e fere Enéias e sua mãe, Afrodite, que retira o filho do campo. Quando defendia Heitor, Ares também foi ferido por Diomedes. A lança do guerreiro, orientada por Atena, penetrou no corpo do deus, que bramiu com a intensidade de dez mil gritos de guerra.

Afastado Ares, os troianos viram-se forçados a retroceder.



## Canto VI

A conselho de seu irmão, o adivinho Heleno, que melhor entendia as mensagens dos deuses, Heitor, o maior herói troiano, dirige-se à cidade de Ilion e ordena preces públicas a Atena, para aplacá-la.

Num dos versos mais tocantes de todo o poema, Heitor despede-se da mulher, Andrômaca, e do filho que a aia tinha ao colo. A criança se assusta com o elmo de Heitor, que o guerreiro retirou sorrindo para segurar o filho. Roga a Zeus que no futuro os homens o contemplem e digam: *Incomparavelmente melhor que o pai!* E devolveu o menino à esposa. Tentou consolá-la, mas Andrômaca, chorando amargamente, seguiu para casa e, no caminho, voltou-se muitas vezes para trás para ver Heitor, que se distanciava.

## Canto VII

Heitor, o domador de cavalos, conduzia a quadriga de modo impressionante — parecia invencível. Os gregos estavam enfraquecidos e desencorajados sem a presença de seu grande campeão. Quando o cair da tarde pôs termo ao combate, os troianos tinham empurrado os gregos quase até junto aos barcos.

A noite trouxe uma trégua para que os mortos fossem sepultados. Houve dor e desespero no acampamento grego e grande júbilo em Tróia.

### *Canto VIII*

Na assembléia dos imortais, Zeus proibiu os deuses de intervirem nos combates. Os aqueus sofreram mais derrotas; Hera e Atena tentaram socorrê-los, mas o rei do Olimpo enviou Íris, sua mensageira, para impedir e repreender as duas deusas.

### *Canto IX*

Agamemnon reuniu os chefes aqueus e propôs que levantassem o cerco e retornassem o quanto antes à Grécia.

Nestor, o mais velho e mais prudente entre eles, respondeu acusando o rei de Micenas de ser o responsável pela situação, pois, se não tivesse provocado a ira de Aquiles, não teriam sido derrotados. Aconselhou que se buscasse um meio de apaziguar o filho de Peleu.

Agamemnon admitiu que agira insensatamente e que não só restituiria Briseida como enviaria magníficos presentes a Aquiles. Pediu a Odisseu, Fênix e Ajax que fossem seus mensageiros.

O filho de Peleu repudiou as ofertas: nada poderia comprá-lo. Disse também que tencionava regressar à pátria e que todos fariam bem em seguir seu exemplo.

Os chefes aqueus rejeitaram seu conselho e decidiram seguir combatendo.



### *Canto X*

O episódio é conhecido como *Dolonia*, de acordo com o nome de um dos personagens.

Numa expedição noturna, Ulisses e Diomedes surpreendem Dolon e o matam depois de o obrigarem a revelar o lugar exato onde acampava Reso, rei da Trácia que tinha vindo aliar-se aos troianos. Matam o rei trácio e roubam seus cavalos.

### *Canto XI*

Grande batalha em que os gregos novamente são vencidos. Agamemnon é ferido. Nestor pede a Pátroclo que tente mais uma vez convencer Aquiles a lutar ou, em último caso, pedir emprestada a armadura do herói para aterrorizar o inimigo.

### *Canto XII*

Os troianos avançam e chegam até o acampamento dos aqueus.

### *Canto XIII*

Heitor tenta chegar aos navios para incendiá-los.

#### *Canto XIV*

*O dolo de Zeus.* Hera atrai Zeus para o alto do monte Ida e o seduz. O rei dos deuses, completamente à mercê da esposa, esquece a promessa feita a Têtis. Adormece nos braços de Hera, enquanto Posídon aproveita para socorrer os aqueus.

#### *Canto XV*

Zeus desperta e sua ira recai sobre Hera. Ordena-lhe que volte para o Olimpo. Quando Heitor está prestes a incendiar os navios, Ajax atira-o por terra. Enéias salva o herói troiano.

#### *Canto XVI*

*A Patróclia.* Os troianos conseguem incendiar um navio. Vendo as chamas, Aquiles consente que Pátroclo vista sua armadura, use suas armas e assuma o comando de seus homens, os Mirmidões. Mas mantém-se inabalável em sua decisão de não combater: *Não lutarei por homens que me desonraram.*

Pátroclo entrou em campo à frente dos Mirmidões, apavorando os troianos, que julgaram estar se defrontando com Aquiles. Lutou com tanta bravura quanto o teria feito seu glorioso amigo. *Três vezes se atirou, comparável ao ágil Ares, e três vezes matou nove homens. Mas quando pela quarta vez se precipitou como um demônio, então*



*para ti, Pátroclo, surgiu o fim da vida.* Soube que seu fim tinha chegado quando viu que entre os que o atacavam estava Apolo, mas continuou enfrentando inimigos que vinham sobre ele de todos os lados. Heitor aproxima-se do herói combalido e desfere o golpe mortal com sua lança e Pátroclo profetiza ao chefe troiano que sua morte está próxima. Instantaneamente sua alma deixou seu corpo e voou para o reino de Hades.

Então, Heitor tirou-lhe a armadura e, despindo a sua, vestiu-a.

### *Canto XVII*

Apesar de estarem os troianos vencedores, Menelau conseguiu trazer o corpo de Pátroclo até os navios.

### *Canto XVIII*

Dor indizível de Aquiles. Têtis tentou confortá-lo. Dirigiu-se *a deusa de argênteos pés* às forjas de Hefestos e pediu-lhe que fizesse para seu filho inconsolável uma armadura completa. *Escudo de Aquiles* — um dos trechos mais líricos da epopéia: descrição rica em detalhes, retratando a vida na Hélade. *E depois de haver forjado o escudo grande e robusto, fabricou para Aquiles uma couraça mais brilhante que o esplendor do fogo; fabricou-lhe espesso capacete, adaptado às têmporas, belo, feito com arte, encimando-o um penacho de ouro.* Carregando as armas faiscantes, a mãe de Aquiles deixou a casa de Hefestos.

## Canto XIX

*Deixando o curso do Oceano, subia a Aurora de véu de açafrão para levar a luz aos imortais e humanos; e Têtis chegou aos navios, trazendo os presentes do deus. Todos se extasiaram com as armas cintilantes.*

Um lampejo feroz brilhou nos olhos de Aquiles ao se aprontar para o combate, ao abandonar a tenda onde tanto tempo se obstinara recluso e ao descer até o local onde estavam reunidos os chefes aqueus. Aí, diante de todos, recebeu as satisfações de Agamemnon. Restaurada sua *timé*, dor e sede de vingança passaram a dominar seu coração.

## Canto XX

Em torno do filho de Peleu, armavam-se os gregos junto dos recurvos navios. Faziam o mesmo os troianos no tabuleiro da planície. Zeus ordenou a Têmis que convocasse para a assembléia os deuses do alto do Olimpo... Permitiu-lhes que se misturassem aos heróis; que Hera, Atena, Posídon e Hefesto lutassem ao lado dos aqueus; Ares, Apolo, Ártemis e Afrodite, ao lado dos troianos.

Aquiles faz prodígios de bravura, massacrando, um depois do outro, os mais bravos guerreiros troianos. Buscava Heitor, que, a conselho de Apolo, deixara a frente das fileiras. Mas, ao ver cair morto seu irmão Polidoro, o filho de Príamo não suportou por mais tempo alhear-se do combate; marchou direto a Aquiles (...) e Aquiles, logo



que o viu, saltou e gritou triunfante: Eis aqui o homem que mais me conturbou o coração, que matou meu honrado companheiro! Possamos nunca mais esconder-nos um do outro nos caminhos da guerra! (...) Aquiles, impaciente, ardendo por matá-lo, arrojou-se, gritando medonhamente. Mas Apolo afastou Heitor com facilidade, como deus que era, e envolveu-o em espesso nevoeiro. Aquiles reconheceu que seu inimigo estava sob a proteção de Apolo, mas jurou que o conseguiria derrotar.

### Canto XXI

Causando devastação nas hostes troianas, o filho de Peleu, de vitória em vitória, empurrou o inimigo até as muralhas. O rio Escamandro, em cujas margens está Tróia, inundou a planície e ameaçou afogar Aquiles, mas foi dominado pelo sopro de fogo de Hefesto.

### Canto XXII

Apesar das súplicas de Príamo para que se refugiasse na cidade como os demais guerreiros, o chefe troiano aguardou Aquiles ao pé das muralhas da soberba Ílion. Aproximava-se o maior herói aqueu. *Em torno dele brilhava o bronze, como o clarão de um fogo ou do sol nascente. Avistando-o, pôs-se Heitor a tremer...* e partiu em fuga. Aquiles perseguiu-o e correram os dois três voltas em torno das muralhas. Zeus pesou seus destinos: o troiano tinha de morrer. Sabendo

que sua sorte estava decidida e que era chegado seu fim, Heitor voltou-se, enfrentou o herói aqueu e caiu morto, atravessado por sua lança. Aquiles arrastou o cadáver coberto de pó e de sangue até os navios. Um mar de dor e de horror invadiu os corações de Príamo, de Hécuba e de Andrômaca.

### *Canto XXIII*

Pátroclo estava vingado. Aquiles prestou ao amigo a última homenagem, dirigindo jogos fúnebres em sua honra. Em seguida, ergueu uma pira gigantesca e deitou sobre ela o corpo do herói para que as chamas o consumissem.

### *Canto XXIV*

O coração de Aquiles continuava a transbordar de ódio e ele voltou a arrastar no pó o corpo de Heitor. No Olimpo, os deuses se dividiam mais uma vez: uns condenavam e outros justificavam os atos do filho de Peleu. Até que Zeus decidiu enviar sua mensageira a Príamo, encorajando-o a pedir a devolução do corpo do filho: *Vai, parte, rápida Íris, deixa o Olimpo e dize ao magnânimo Príamo, em Ílion, que consiga a devolução do filho, indo levar a Aquiles, ao pé dos navios acaios, presentes que lhe abrandem a cólera. Mas vá só; nenhum outro troiano o acompanhe.*



Íris levou a mensagem de Zeus e o coração do velho rei encheu-se de esperança. Empilhou um carro até transbordar com os mais esplêndidos tesouros de Tróia e atravessou a planície em direção ao acampamento dos aqueus.

Tomando a figura de um jovem grego, Hermes apareceu em seu caminho, levou-o a passar pelos guardas e conduziu-o até a alta barraca que os Mirmidões haviam erguido para Aquiles.

*Sem ser visto, o grande Príamo entrou e, aproximando-se, abraçou os joelhos de Aquiles e beijou-lhe as mãos... assim se assombrou Aquiles ao ver Príamo, de divino aspecto. Os outros, também, espantados, entreolharam-se.*

*Então, súplice, disse Príamo: Lembra-te de teu pai, Aquiles semelhante a um deus! Ele tem a mesma idade que eu, e já está no limiar da velhice. (...) Respeita os deuses, Aquiles, e tem piedade de mim, em lembrança de teu pai.* O velho rei diz ser ainda mais digno de dó, pois veio estender a mão ao assassino do próprio filho.

Ao ouvir essas palavras, comoveu-se o filho de Peleu. Ajudou o ancião a levantar-se e a sentar-se junto com ele: (...) *senta-te neste trono e (...) deixemos que nos repousem as dores na alma* (...) Depois, ordenou que o corpo de Heitor fosse lavado, ungido e coberto com fino tecido. Por fim o velho rei levou para casa o corpo de Heitor para ser chorado em Tróia, como nunca antes um herói fora chorado. As lamentações duraram nove dias, ao fim dos quais o corpo do filho mais amado de Príamo foi colocado numa magnífica pira; as cinzas foram

Íris levou a mensagem de Zeus e o coração do velho rei encheu-se de esperança. Empilhou um carro até transbordar com os mais esplêndidos tesouros de Tróia e atravessou a planície em direção ao acampamento dos aqueus.

Tomando a figura de um jovem grego, Hermes apareceu em seu caminho, levou-o a passar pelos guardas e conduziu-o até a alta barraca que os Mirmidões haviam erguido para Aquiles.

*Sem ser visto, o grande Príamo entrou e, aproximando-se, abraçou os joelhos de Aquiles e beijou-lhe as mãos... assim se assombrou Aquiles ao ver Príamo, de divino aspecto. Os outros, também, espantados, entreolharam-se.*

*Então, súplice, disse Príamo: Lembra-te de teu pai, Aquiles semelhante a um deus! Ele tem a mesma idade que eu, e já está no limiar da velhice. (...) Respeita os deuses, Aquiles, e tem piedade de mim, em lembrança de teu pai.* O velho rei diz ser ainda mais digno de dó, pois veio estender a mão ao assassino do próprio filho.

Ao ouvir essas palavras, comoveu-se o filho de Peleu. Ajudou o ancião a levantar-se e a sentar-se junto com ele: (...) *senta-te neste trono e (...) deixemos que nos repousem as dores na alma* (...) Depois, ordenou que o corpo de Heitor fosse lavado, ungido e coberto com fino tecido. Por fim o velho rei levou para casa o corpo de Heitor para ser chorado em Tróia, como nunca antes um herói fora chorado. As lamentações duraram nove dias, ao fim dos quais o corpo do filho mais amado de Príamo foi colocado numa magnífica pira; as cinzas foram



recolhidas numa urna de ouro e guardadas em túmulo cavado na rocha. Com a descrição dos funerais de Heitor, termina a *Ilíada*.

Os eventos que daí em diante se sucedem — a morte de Aquiles, a queda de Ílion, a fuga de Enéias — não se encontram em Homero. Apenas são mencionados no *Canto VIII* da *Odisséia* — poema que relata a longa viagem de Ulisses, ou Odisseu, de volta a seu reino de Ítaca. Para recompor o fio da história, partindo do final da *Ilíada*, temos de resumir e encadear episódios que são temas centrais de várias tragédias e da *Eneida*, de Virgílio.

Depois dos funerais do grande chefe troiano, com redobrado ânimo, Aquiles causou devastação nas tropas inimigas, forçando-as a recuar até as muralhas. Ao pé destas encontrou seu fim, logo às mãos de um príncipe que nunca se distinguira em combate. Mas, antes de assistirmos à morte do herói, vamos remontar ao momento de seu nascimento.

Têtis, sua mãe, conseguiu que Zeus fizesse invulnerável o filho recém-nascido. Para isso, teve de submergi-lo nas perigosas águas do Estige, nas margens do Hades. O corpo de Aquiles tornou-se invulnerável, com exceção do local que sua mãe segurou ao mergulhá-lo no rio infernal: o calcanhar direito.

No ataque cheio de bravura em que o chefe dos Mirmidões forçara os troianos a recuar até às muralhas, Páris, do alto destas, disparou contra ele uma flecha. Apolo dirigiu-a de modo que o atingisse em seu único ponto vulnerável e Aquiles caiu morto.

Para que lhe fossem dadas as honras fúnebres, seu corpo foi trazido para o acampamento dos aqueus por outro grande herói, Ajax, dos maiores entre os que combateram contra Tróia. Esse bravo, no entanto, por uma trama divina, foi acometido de um acesso de loucura em que atacou e dizimou um rebanho, tomando-o por tropas inimigas. Ao voltar a si e recobrar o juízo, não suportando a perda da honra, desembainhou a espada e matou-se.

Os aqueus sentiram-se sem forças com a perda de tão gloriosos chefes.

Após quase dez anos de cerco, Tróia e suas muralhas continuavam inexpugnáveis. Tornara-se evidente que, se não encontrassem um meio de penetrá-las, teriam de aceitar a derrota. Nessa perspectiva, era natural que houvesse entre os gregos a maior aceitação do estratagemma arquitetado por Odisseu, que veio a ser conhecido como *Cavalo de Tróia*.

De acordo com o plano, artífices aqueus construiriam um enorme cavalo de madeira, oco, com espaço suficiente para conter no seu bojo muitos homens completamente armados. Os troianos o arrastariam para dentro de sua cidade, de onde, à noite, os guerreiros sairiam e massacrariam os inimigos.

Foi empreendida e terminada a monumental construção. Ao cair da noite, um grupo de bravos chefiado por Odisseu escondeu-se no bojo do cavalo. Os outros guerreiros destruíram as tendas, abandonaram o acampamento e embarcaram, para dar a impressão de que ba-



tiam em retirada. Esconderam-se numa ilha próxima, Tenedos, que não podia ser avistada de Ílion. Deixaram na praia um de seus homens, instruído com a história que contaria aos inimigos.

Quando amanheceu, os troianos não podiam acreditar no que viam: a praia deserta, o acampamento aqueu em destroços, e um enorme cavalo de madeira junto às muralhas de Ílion.

Jazia por terra um único grego, parecendo estar no fim de suas forças. Disse chamar-se Sínon e ter sido escolhido para ser sacrificado aos deuses. Os aqueus tinham partido em sua expedição, tendo sacrificado uma donzela. Agora só levantariam as velas para voltar à pátria após o sacrifício de um jovem e a sorte caíra sobre ele. Mas tinha conseguido fugir e esconder-se no pântano. Suplicava aos troianos que lhe dessem proteção.

Em seguida, passou a responder às perguntas sobre o descomunal cavalo. Tinha sido construído como uma oferta a Atena. Apostavam que, com seu tamanho, o inimigo se desencorajaria de introduzi-lo na cidade e o destruiria, atraindo assim a ira da deusa. Se, ao contrário, fosse arrastado até diante de seu templo, Atena os cumularia de favores e bênçãos.

Houve muita divisão quanto ao destino a dar ao gigantesco monumento. O sacerdote Laocoonte incitava todos a destruí-lo. Perplexos, os troianos hesitavam. Então, Posídon, que protegia os gregos, fez que surgissem do mar duas serpentes terríveis, que rastejaram até onde estava Laocoonte e seus dois filhos. Envolveram e esmagaram os três e desapareceram dentro do templo de Atena.

Horrorizado, o povo arrastou o cavalo para dentro das muralhas.

Ao fim de tantos acontecimentos, já anoitecia e os chefes decidiram deixar para o dia seguinte os rituais do oferecimento à deusa.

Assim começava a mais terrível noite da história de Tróia e os mais cruéis feitos jamais perpetrados pelos aqueus. Ao termo de anos de batalhas gloriosas, de gestos de nobreza e heroísmo através da longa guerra, seu capítulo final revelou de forma indelével o lado sombrio do caráter grego. Não foi uma luta, foi um massacre, uma carnificina.

Quando a abóbada sobre o mar tornou-se escura e estrelada, as tropas gregas, a bordo das *recurvas naus*, deixaram Tenedos, navegaram de volta à praia e alinharam-se junto às muralhas. Altas horas da noite, os guerreiros escondidos na armadilha de Odisseu retiraram algumas tábuas do ventre do cavalo e desceram com cordas até a praça de Tróia.

Correndo pela cidade adormecida, depois de matar as sentinelas, chegaram às enormes portas de Ílion, que abriram de par em par. Por elas entrou cheio de fúria o corpo do exército aqueu.

Sem tardar, atearam fogo aos edifícios principais e, quando os troianos despertaram, já se viram envoltos em chamas. Sem tempo de envergar suas armaduras, desnorteados com a surpresa do ataque, atiraram-se com a maior bravura contra os invasores. Impossibilitados de se agruparem como uma tropa, foram sendo eliminados um a um.

De madrugada, a cidade era um monte de ruínas e os chefes jaziam mortos pelas ruas. Suas mulheres foram acorrentadas e conduzidas como escravas.

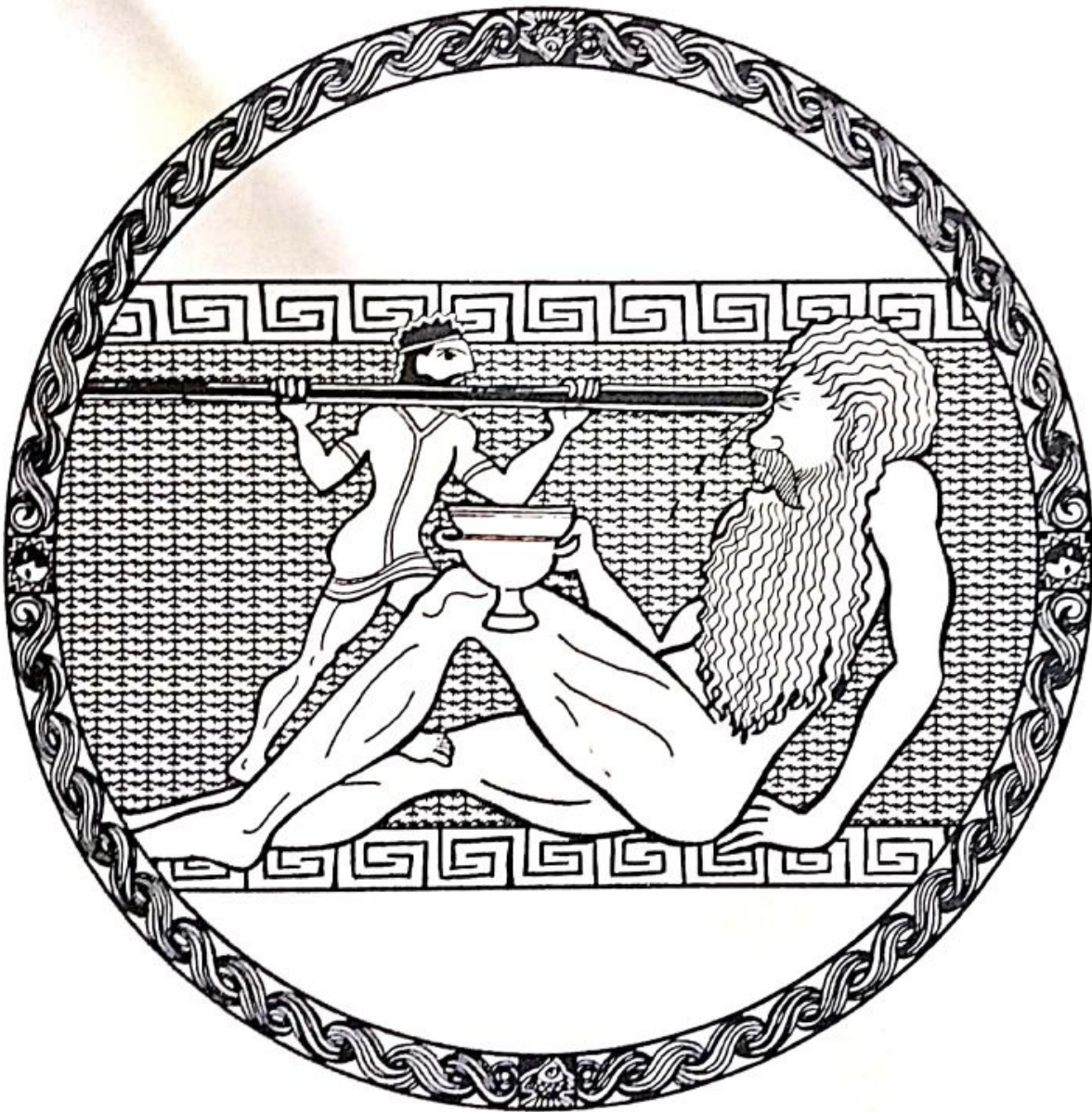


Um único herói troiano foi poupado — Enéias, filho de Afrodite. A deusa protegeu-o com uma visão salvadora enquanto enfrentava os aqueus: Heitor apareceu diante dele para afastá-lo da luta; ordenou-lhe que fugisse com sua família e levasse seus deuses-lares para longe, para uma nova terra, dando origem a uma outra pátria.

Assim o poeta latino Virgílio canta a origem de Roma, tendo um herói troiano como antepassado. É o tema do poema épico *Eneida*, em que é narrado o final trágico da gloriosa Ílion.

Depois de assistir a essa visão de trevas, podemos voltar a Homero. Vamos reencontrar sua poesia na série luminosa de episódios da *Odisséia*.

# ODISSÉIA





Longinus, crítico latino, comenta: *Homero na Odisséia é como o sol no poente; a grandiosidade permanece mas não a intensidade.*

O sol no poente é a melhor imagem para a sensação de espaço, de largueza, que transmite toda a epopéia. A *Odisséia* é o poema do mar. Talvez o maior, o mais belo já escrito sobre os perigos e as aventuras dos homens do mar; sobre o maravilhoso, o estranho, o imenso, o desconhecido do mar. Narra o regresso à pátria, cheio de obstáculos e sofrimentos, de Odisseu. O herói da saga tem o nome de Ulisses nas traduções para o latim e para as línguas modernas, embora todas preservem o título do poema, derivado do nome grego do rei de Ítaca.

*Canta para mim, ó Musa, o varão astuto que, após haver destruído a cidade sagrada de Tróia, vagueou errante por cidades de muitos povos e conheceu-lhes o espírito. No mar sofreu, em seu coração, aflições sem conta, lutando por sua vida e pelo regresso de seus companheiros.*

Invocada a Musa, a história começa, mais uma vez, *in media res*: *Encontravam-se já na praia todos os outros heróis que, na guerra ou sobre as ondas do mar, haviam escapado à morte violenta. Ulisses era o único que todavia ansiava pelo regresso e pela esposa, retido como estava em gruta profunda pela veneranda ninfa Calipso...*

### *Canto I*

Depois de nos revelar que o herói se encontrava prisioneiro de Calipso, que o desejava como esposo, o poema nos transporta ao Olimpo. Os deuses, com exceção de Posídon, o arquiinimigo do rei de Ítaca, deliberavam sobre seu destino. Atena aproveitou a ausência do deus do mar para convencer Zeus e toda a assembléia a favorecerem o regresso de Ulisses à sua pátria. Pediu que Hermes fosse enviado à ilha de Calipso para anunciar-lhe a decisão do rei dos deuses.

Isto feito, partiu para Ítaca disposta a encher o coração de Telêmaco de ânimo e de esperança pela volta do pai. Disfarçada como Mentor, aconselhou-o a sair em busca de notícias de Ulisses.

### *Canto II*

O príncipe solicitou um navio para levá-lo às cortes de Nestor, em Pilos, e de Menelau, em Esparta, para tentar localizar o paradeiro do pai. Os pretendentes à mão de Penélope e ao trono de Ulisses rejeitaram seu pedido. Atena providenciou o navio e a tripulação e embarcou com Telêmaco para Pilos.

### *Canto III*

No reino de Nestor, o jovem foi bem acolhido, mas nada conseguiu saber do paradeiro do pai. O rei contou-lhe o fim trágico de Agamem-



non nas mãos de Clitemnestra e Egisto. Em seguida, dando-lhe por companhia o próprio filho, Pisístrato, aconselhou-o a ir a Esparta.

#### Canto IV

Os filhos de Ulisses e de Nestor, recebidos por Menelau, ouviram deste os relatos do fim de Tróia e de seu atribulado retorno a Esparta. Em Ítaca, os pretendentes armavam uma emboscada contra Telêmaco.



Hermes

#### Canto V

Em nova assembléia, os deuses decidiram, a instâncias de Atena, o regresso de Ulisses. Zeus enviou Hermes à ilha de Ogígia, intimando Calipso a deixar partir o cativo. O herói construiu uma jangada em quatro dias e no quinto lançou-a ao mar. Treze dias mais tarde, avistou a terra dos Féaces. Mas Posídon, implacável em sua perseguição, levantou a maior tempestade: (...) *descomunal vaga, despenhando-se sobre ele, atingiu a jangada* (...) *Ulisses foi arrojado longe da embarcação* (...) *permaneceu debaixo da água, impedido de voltar à tona pela impetuosidade de uma enorme vaga.*

Graças à proteção de Atena, alcançou a nado a ilha dos Féaces. Chegou à foz de um rio, ocultou-se numa floresta e, exausto, adormeceu.

## *Canto VI*

Relata o episódio em torno da figura de maior graça e leveza de todo o poema — Nausícaa.

A filha adolescente de Alcínoo, rei dos Féaces, vê, em sonhos, Atena insistindo que a princesa fosse à foz do rio lavar roupas assim que despertasse. A jovem apressou-se em cumprir as instruções da deusa: pediu ao pai um carro e uma parelha de mulas e partiu para a foz acompanhada pelas criadas. Depois de lavar a roupa, as moças tomaram banho e começaram a jogar bola. Ulisses foi despertado pela algazarra que faziam; dirigiu-se a Nausícaa e suplicou-lhe que o ajudasse. Refeita da surpresa, a jovem ordenou às companheiras que lavassem e vestissem o estrangeiro e lhe dessem alimento. Convidou-o, então, a ir ao palácio de seu pai.

## *Canto VII*

Ulisses admirou o palácio e os jardins de Alcínoo e dirigiu-se à rainha Arete, sua esposa. Abraçando seus joelhos, pediu-lhe que o amparasse. Alcínoo ofereceu ao herói sua hospitalidade e prometeu ajudá-lo em seu retorno à pátria. Ulisses, ainda sem se dar a conhecer, contou ao par real seu naufrágio, quando tinha sido arremessado à ilha de Calipso, que dele se enamorara e o retivera junto a si por sete anos, até que Hermes trouxesse a mensagem de Zeus ordenando à deusa que deixasse o herói seguir seu caminho. Narrou-lhe também todas



as tribulações sofridas desde a partida de Ogígia. Finda a narrativa, Alcínoo reiterou sua promessa de ajuda, fixando para a manhã seguinte a partida de Ulisses.

### *Canto VIII*

Na manhã seguinte, reuniram-se todos os nobres para a despedida. Durante o banquete, o aedo Demódoco cantou episódios da guerra de Tróia. A emoção de Ulisses ao ouvi-lo levou Alcínoo a suspeitar de sua identidade. Para que ninguém se desse conta, ordenou que se realizassem jogos em honra do hóspede, que saiu vencedor no lançamento do disco.

Demódoco retomou a sua lira e cantou para a assembléia os amores de Ares e Afrodite. A arte dos dançarinos despertou a admiração de Ulisses. O rei exortou seus nobres a oferecerem presentes ao hóspede e em seguida todos se recolheram a suas casas.

Nausícaa veio se despedir de Ulisses: *Eu te saúdo, hóspede, para que, de regresso à pátria, te lembres de mim (...)* E o engenhoso Ulisses lhe respondeu: *Nausícaa, filha do magnânimo Alcínoo, se Zeus, o altissonante esposo de Hera, consentir que eu retorne a minha mansão e veja o dia do regresso, uma vez lá dirigir-te-ei, todos os dias, minha prece, como a uma deusa, porque a ti, donzela, devo a vida.*

O herói foi sentar-se junto ao pai da jovem e pediu ao aedo que cantasse o episódio do cavalo de Tróia. Ao ouvi-lo, não conseguiu

conter as lágrimas, o que foi visto apenas por Alcínoo. O rei dos Féacis pediu-lhe então que se identificasse e contasse suas aventuras.

### *Canto IX*

*Sou Ulisses, filho de Laertes...* Assim deu início ao relato das peripécias mais ligadas a seu nome e narradas até hoje. Começou com sua passagem pelos países dos Cícones e dos Lotófagos, ou comedores de loto — planta que faz esquecer. Contou como apressou-se a dela se afastar e como chegou a uma ilha diante da terra dos Ciclopes — gigantes que tinham um único olho no centro da testa. Aí deixou onze de suas naus e levou uma.

Remando com doze companheiros, desembarcou no antro do gigante Polifemo. Após dois dias, o gigante havia devorado seis dos companheiros de Ulisses. Ao anoitecer do segundo dia, o herói conseguiu embriagar o Ciclope e vazar seu único olho. Os marujos e seu chefe amarraram-se nos ventres de gordas ovelhas e o Ciclope, cego, tateando e sentindo os pêlos nos dorsos dos animais, deixou-os sair da caverna.

Fugiram todos até as naus, escapando dos enormes blocos de pedra que Polifemo arremessava contra eles. O gigante, então, (...) *elevando as mãos para o estrelado céu, orou ao poderoso Posídon: Se verdadeiramente sou teu filho e te orgulhas de ser meu pai, concede-me que nunca regresse a seu torrão natal este Ulisses, saqueador de cidades, filho de Laertes, que habita em Ítaca.*

Foi implacável, daí em diante, a perseguição do deus do mar.



## *Canto X*

Ulisses e seus companheiros chegaram à ilha de Éolo, rei dos ventos, que lhes ofereceu hospitalidade e indicou-lhes o caminho do regresso. Ofereceu ao herói, como presente, um odre feito de pele de boi onde estavam presos os ventos adversos, para que nenhum pudesse soprar e criar tormentas. Quando já se aproximavam de Ítaca e *descortinavam os pátrios campos*, Ulisses deixou-se adormecer. Suspeitando que o odre continha ouro e prata, a tripulação decidiu abri-lo, soltando todos os ventos e desencadeando a maior tempestade.

Conseguiram seguir viagem e chegaram à terra dos Lestrigões, povo antropófago, que lhes custou a perda de onze naus. Só a nau de Ulisses ficou a salvo e aportou à ilha de Eéia, morada da feiticeira Circe.

O herói mandou alguns de seus homens, chefiados por seu companheiro Euríloco, fazer o reconhecimento do local. Ao chegar à porta do palácio, todos se atiraram ao festim que os esperava. Todos, com exceção do chefe, que temia uma cilada. Horrorizado, logo percebeu a desgraça que sofreram os companheiros, da qual tinha escapado: a beberagem oferecida por Circe transformou-os em porcos.

Euríloco correu à nau, narrando, entre lágrimas, a triste sorte dos marujos. Ulisses partiu ao encontro da deusa e, graças à ajuda de Hermes, desarmou-a de seus sortilégios e conseguiu que os companheiros recuperassem a forma humana. Circe apaixonou-se pelo herói e reteve-o junto a si por um ano.

## *Canto XI*

Quando o filho de Laertes, instado por seus companheiros, comunicou à deusa sua intenção de retomar o caminho de casa, ela aconselhou-o a ir até as bordas do Hades, no país dos Cimérios, consultar a alma do oráculo cego Tirésias sobre seu retorno a Ítaca.

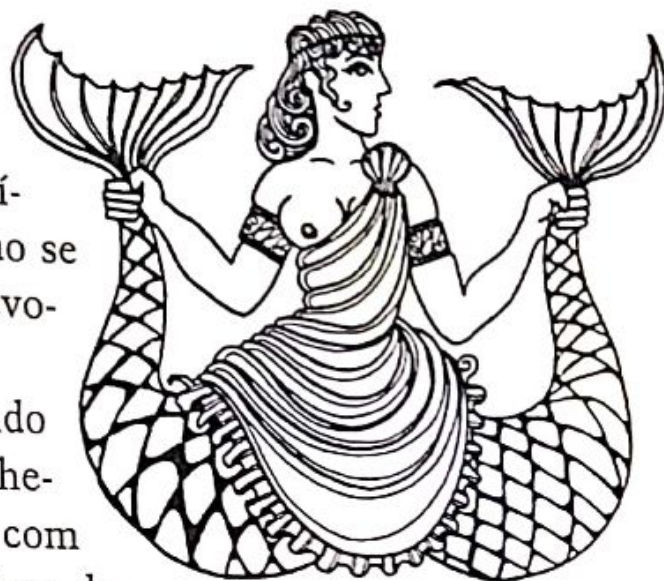
Sem descer ao mundo subterrâneo, Ulisses abriu um fosso, fez em torno dele libações evocando as almas dos mortos e sacrificou um carneiro e uma ovelha negros, dádivas de Circe. Degolou-os sobre o fosso, para onde correu o sangue, (...) *logo as almas dos mortos, subindo do Hades, se ajuntaram.* O herói pôde assim conversar com as almas de sua mãe, Anticléia, e com as de muitos heróis, entre eles, Aquiles. Tirésias advertiu-o das muitas tribulações que ainda o aguardavam. Finalmente, Ulisses afastou-se e voltou para sua nau.

## *Canto XII*

Ulisses retornou à ilha de Circe, que tornou a predizer-lhe os perigos que ainda teria de enfrentar antes de chegar à pátria. O primeiro foi o encontro com as Sereias. Para não serem seduzidos pela beleza de suas vozes, Ulisses tapou os ouvidos dos marujos e fez-se atar ao grande mastro. Pôde assim ouvir impunemente o irresistível canto. *Depois que passamos as Sereias e não mais lhes ouvimos o canto, meus fiéis companheiros retiraram a cera com que lhes tapara os ouvidos e libertaram-me das cordas.*



Navegaram então por tenebroso estreito, entre dois rochedos habitados pelos monstros Cila e Caríbdes. Impossível passar incólume por entre os dois: ao se distanciar de um, o outro arrebatou e devorou seis dos navegantes.



Chegaram à ilha de Hélios. Contrariando as instruções de Tirésias e as ordens do herói, os companheiros se banquetearam com as vacas do deus Sol. Como castigo, Zeus desencadeou uma tempestade, lançando seus raios contra o navio. Ulisses foi o único a se salvar. Vagou à deriva até chegar sozinho à ilha da ninfa Calipso. Mas esse episódio, comentou o herói, já fora relatado.

### *Canto XIII*

Todos ficaram maravilhados com a narração de Ulisses. Alcínoo providenciou nave e tripulação para levar o herói de volta a Ítaca na tarde do dia seguinte. À noite, durante a travessia, Ulisses caiu num sono profundo e não acordou ao chegar à ilha. Desembarcando todos os presentes que ele recebera, a tripulação deixou-o adormecido na praia. Ao despertar, Ulisses acreditou ter sido vítima de um logro. Atena lhe apareceu na figura de um jovem pastor, envolta numa nuvem. Quando ela se deu a conhecer, a nuvem se dissipou. O herói então reconheceu e saudou a terra pátria. A deusa disfarçou-o como

mendigo e aconselhou-o a procurar o porqueiro Eumeu. Em seguida, partiu ao encontro de Telêmaco.

#### *Canto XIV*

Eumeu acolheu o viajante em sua choupana sem reconhecê-lo e serviu-lhe uma refeição. Falou sobre a triste situação em Ítaca e das saudades que tinha do amo. O hóspede respondeu-lhe que seu senhor não tardaria a voltar. Eumeu negou-se a acreditar e Ulisses pretendeu ter tido essa informação durante suas aventuras.

#### *Canto XV*

Em Esparta, Telêmaco foi advertido por Palas Atena de que era hora de retornar a Ítaca: apareceu-lhe em sonhos e indicou-lhe o caminho que devia seguir para escapar da emboscada dos pretendentes que assediavam a rainha, sua mãe. O filho de Ulisses despediu-se de Menelau e Helena, que o encheram de presentes. Ao chegar a Ítaca, encaminhou-se para a cabana de Eumeu.

#### *Canto XVI*

O porqueiro aconselhou o jovem a permanecer em sua cabana enquanto ia ao palácio anunciar a Penélope o feliz regresso do filho. Quando ficou a sós com Telêmaco, Ulisses deu-se a conhecer. Pai e



filho planejaram juntos a morte dos pretendentes, combinando que Ulisses se deixaria insultar até o momento da vingança. A notícia da volta de Telêmaco aguçou nos inimigos os intuitos assassinos, o que foi confirmado por Eumeu quando regressou à sua choupana.

### *Canto XVII*

Desafiando o perigo, Telêmaco foi ao palácio. Aí Penélope *saiu de seu aposento, bela como Ártemis ou a áurea Afrodite; chorosa, lançou seus braços em volta do pescoço do bem-amado filho, beijou-lhe a testa e os belos olhos, e, com a voz entrecortada pelos soluços, lhe disse estas palavras aladas Telêmaco, minha doce luz, até que enfim regressaste!* E pediu-lhe que contasse tudo o que lhe tinha sucedido. O encontro teve de ser breve: o jovem instruiu sua mãe a banhar-se para oferecer aos deuses *hecatombes perfeitas, se Zeus infligir a nossos inimigos a punição de seus crimes.*

Entrementes, Ulisses e Eumeu encaminharam-se para o palácio. Ao chegar, o herói foi reconhecido por seu velho cão Argos. Aos pretendentes apareceu como mendigo e foi por eles insultado.

### *Canto XVIII*

O mendigo Iro, não admitindo a presença de outro mendigo, quis expulsar Ulisses e os pretendentes, para se divertirem, incitaram os dois à luta. O herói venceu Iro, arrastou-o para fora do palácio, mas

foi vítima de mais ultrajes. Os ânimos terminaram por se acalmar e todos foram para suas casas dormir.

### *Canto XIX*

Depois de saírem os pretendentes, Ulisses e seu filho esconderam todas as armas que houvesse no palácio. Fizeram-no guiados por Pallas Atena e em seguida Telêmaco retirou-se para seu leito. Ulisses permaneceu na sala, premeditando, com o auxílio de Atena, a morte dos pretendentes. Nesse instante, descia de seu aposento a prudente Penélope, semelhante a Ártemis ou à áurea Afrodite, e desejou interrogar o estrangeiro na esperança de ter notícias do marido. Ouviu com emoção que Ulisses fora visto pelo hóspede em Creta e que não tardaria a voltar.

Depois disso, a rainha ordenou a Euricléia que lavasse os pés do mendigo. A velha ama do herói reconheceu-o por uma cicatriz na perna, mas Ulisses intimou-a a nada dizer, e nada foi percebido. Sem se dar conta de que falava com o marido, Penélope expôs-lhe seu plano de estabelecer um concurso para escolher um dos pretendentes.

### *Canto XX*

Um presságio inquietou os pretendentes e eles esmoreceram no propósito de matar Telêmaco. Voltando sua atenção para um lauto banquete, assombraram-se ao ver o príncipe sentar o mendigo a seu lado



e dizer que ninguém insultaria seu hóspede. Agelau, um dos pretendentes, aconselhou os outros a se manterem calmos e Telêmaco a apressar o casamento de sua mãe.

### *Canto XXI*

Penélope foi buscar o arco de Ulisses e convidou os pretendentes a competirem. Prometeu desposar aquele que conseguisse armá-lo e fazer passar a flecha pelos orifícios de doze machados em fila. Todos tentaram em vão. Telêmaco ordenou que as portas da sala fossem fechadas e, sob os protestos dos pretendentes, que Eumeu entregasse o arco ao mendigo. Ulisses retesou o arco e sua flecha atravessou os doze machados. *Então, Telêmaco, o filho querido do divino Ulisses, cingiu a pontiaguda espada, empunhou a lança e postou-se de pé, armado com reluzente bronze, ao lado de seu genitor.*

### *Canto XXII*

Ulisses despojou-se de seus andrajos e deu-se a conhecer. Telêmaco foi buscar armas para si, para seu pai e para os dois fiéis serviçais: Eumeu e Filécio. Os quatro exterminaram todos os pretendentes e seus servidores. Foram poupados apenas o aedo Fêmio e o arauto Medonte. Finda a matança, Ulisses ordenou à ama que purificasse a sala, o resto da casa e o pátio. Depois, a velha, percorrendo a bela mansão

de Ulisses, foi transmitir a ordem às mulheres, instando com elas para que se apressassem.

Todas elas, saindo do palácio com tochas nas mãos, cercaram Ulisses; abraçavam-no, com ternura lhe beijavam a cabeça, os ombros e as mãos que tomavam nas suas. E um suave desejo de chorar e de gemer se apoderou dele, pois que seu coração reconhecia a todas.

### *Canto XXIII*

Sendo-lhe dada a notícia do regresso de Ulisses, Penélope não pôde acreditar. Descendo à sala, diante do marido, ela ora pensava reconhecer-lo, ora duvidava. Telêmaco censurou essa incredulidade, mas suas dúvidas só se dissiparam quando o herói revelou conhecer o segredo da construção do leito conjugal. Este, preparado pelas amas, acolheu os esposos. Ulisses transmitiu à esposa as predições de Tírsias e ambos desabafaram um com o outro o quanto tinham sofrido durante a longa ausência: *Após terem provado os encantos do amor, os dois esposos saborearam o prazer das confidências mútuas. Ela, a nobre mulher, contava tudo o que tinha suportado em palácio, quando via a chusma dos funestos pretendentes ali reunidos, degolando, sem cessar, bois e gordos carneiros, ou tirando continuamente vinho dos tonéis. Por seu turno, Ulisses, pupilo de Zeus, narrava os muitos sofrimentos que causara aos homens, bem como os males cruéis de que fora vítima. Ela sentia-se feliz em ouvi-lo, e o*



*sono só lhe fechou as pálpebras depois que Ulisses lhe contou tudo minuciosamente.*

### *Canto XXIV*

Na manhã seguinte, Ulisses foi ao campo onde morava Laertes e deu-se a conhecer a seu progenitor. Hermes levou para o Hades as almas dos pretendentes. As famílias destes marcharam contra o palácio, encabeçadas por Eupites, que logo sucumbiu sob a lança do herói. Laertes, Ulisses e Telêmaco derrotaram os revoltosos e teriam executado todos, mas Atena *de olhos brilhantes disse a Ulisses: "Nobre filho de Laertes, Ulisses fecundo em ardis, detém-te, não prolongues esta luta."*

A deusa ordena que a paz volte a Ítaca. Com a palavra de Atena, termina a *Odisséia*.